ANNO XXVII — N.º 27
Rio, 8 de Julho de 1933
PREÇO: 1$000
FON FON

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA
SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS
MIDY

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

O CONTO BRASILEIRO

— E afinal, no que pensas? Por que essa acrimonia em toda a tua vida? Por que essas attitudes de descrença?

— Eu não penso coisa nenhuma das que julgas. Digo-te apenas, minha amiga, que todos os homens têm a duração da amizade limitada pelo tempo da posse. Fóra disto, tudo é falso, tudo fingimento, infelizmente. Nós somos demasiadamente humanos para que não sejamos dominados por esse desejo incontido de saber que ainda existem outras mulheres desconhecidas. Si depois de algum tempo, si depois de lhe dares o teu amôr, qualquer homem dissér que ainda te ama, não creias. Ou elle diz por hypocrisia, ou por interesse, ou por piedade. E eu sei que a tua alma bem formada não deseja nenhuma dessas fórmas de amizade.

— Mas esse amôr tão puro, esse ideal que tantos homens formam a esthesia de uma vida vazia de carinho, essa esperança que faz ver a vida como uma promessa risonha, tudo é falso, tudo isso é fingido?

— E'. Experimenta um, dois, dezenas. Vê si, após a posse, não vem o tedio. Tudo é desejo, porque o idealismo, porque as esperanças, porque os sonhos e as illusões com que alguns enganam a vocês e outros enganam a si proprios, tudo isso não passa de um desejo mascarado com nome mais ou menos poetico. No final, nada mais existe senão o homem. Fére o amôr proprio de um de nós. Tira-te dos nossos braços quando os teus labios estiverem para sentir o contacto de outros frementes de amôr. E vendo a nossa physionomia, comprehenderás as nossas sensações.

— Mas, por favor, então os puramente platonicos, os que se contentam em amar de longe, com esse amôr puro que não cogita de materialidade, esses tambem serão assim? Não é possivel. Deves estar enganado com a tua theoria dissolvente. Esses...

— ...tambem são iguaes. Pertence-lhes e verás. A poesia que ressumbra das suas palavras, a chamma de infinito amôr que notas em seus olhos, tudo isso dará bem depressa logar a um sentimento muito diverso.

— Achas que devo desistir do meu noivado? Achas que devo deixar de gostar de Sylvio? Pois si todos são iguaes, elle tambem será assim?

— Não, creança-grande. Elle deve ser muito bom, pelo menos emquanto o olhares através do philtro côr de rosa com que a illusão te faz ver a vida. E não creias nunca no sentido philosophico da theoria de Enstein: "Tudo é relativo ao tempo e á distancia."

— Mas não respondeste á minha pergunta. Por que os teus olhos andam sempre tristes?

— Tristes?

— Sim, tristes, scismarentos, perdidos não sei em que recordações, talvez nas de um amôr muito grande e, quem sabe?, incomprehendido.

— Meu, propriamente, não. Pelo que digo deves fazer uma idéa do que penso a tal respeito. Mas posso contar-te, para distrahir esta tarde de chuva, está claro, a historia de um amigo meu que pensava demais na vida, esquecendo-se de si mesmo:

"Era uma vez... e assim começam as historias... Elle acreditava, como todas as almas ingenuas e bôas, na felicidade da constancia bailando-lhe n'alma a melodia em surdina de uma ventura distante. E os dias se passaram e veiu o soffrimento buscar para o crysol das mágoas o coração que seguia a esperança. Elle supportou estoicamente o martyrio imposto pelo Destino. Sorveu até a ultima gotta as lagrimas amargas que lhe encheram o calix da injustiça. Consumiu noites em vigilia, no sobresalto de algum máo presagio. Percorreu, um a um, todos os degráos que deviam leval-o á Felicidade e o conduziram comtudo ao sombrio caminho da Incerteza. Viu desapparecer aos seus olhos, illudidos pela glauca visão da Esperança, todas as miragens que o sonho phantasia. Recordou, ao sentir os crepúsculos doirados e as noites em que o luar enchia de prata as aguas serenas, outras noites e outras tardes tão calmas como a placidez que morava na sua alma. E no meio de tudo, sem ratões sem motivos, atôa, por que veiu após o desengano da indifferença? Escreveu-lhe. Vê: ahi dentro dessa mesa está ainda uma copia que elle me deu. E' uma carta em que vibrava uma amizade tão louca, que acreditei elle existir neste mundo. Ouve:

"Quizéra poder transpôr esta barreira materialissima da distancia que nos separa em horas de tanta amargura e soffrimento. Quizéra estar junto de ti para que olhasses de bem perto os meus olhos e visses si não são leaes e si são sinceros. Quizéra estar bem perto de ti para que ouvisses a minha voz e dissésses depois si nella percebeste as tremulações de quem mente ou a hesitação de quem é hypocrita. Quizéra estar comtigo nos meus braços para que respondesses após si sentiste nos meu lábios o resabio da mentira ou o travôr da falsidade. Quizéra que as tuas mãos segurassem as minhas mãos cansadas e visses si ellas costumam escrever o que não sentem. Quizéra que a tua alma fosse dado desvendar este carcere de carne que é o meu corpo, para sentires de bem perto a firmeza da minha amizade. Quizéra, emfim, que me conhecesses um pouco mais e que visses em mim — não um namorado platonicamente romantico e trivial — e sim um homem que nunca tinha amado e se entregou a esta affeição desmedida com a inconsciencia que o destino lhe marcou.

"E se depois de me conheceres e depois de sentires a minha alma e olhares os meus olhos e ouvires a minha voz; si depois de tudo isso ainda te restasse alguma duvida, ainda tua alma albergasse o phantasma de uma descrença injustificada, — eu diria que tinham enfeitiçado a minha Dirce. E maldiria ao proprio Deus que consentira essa heresia e déra o seu beneplacito a esse capricho de uma atrocidade sem nome.

"Mas, infelizmente, tú estás longe e não queres voltar para mim. E nem ao menos queres dar-me a certeza do teu amor, que é a minha esperança."

— Esta é a historia..., commum como quasi todas...

— E será indiscrição saber quem é esse teu amigo?

O homem triste e scéptico não respondeu. E, accendendo um cigarro, ligou a electrola, derramando pelo ar a angustia da "Rêverie", como que a procurar num tormento maior o allivio para a amargura da saudade...

Reynaldo Reis

DESTINO

JOSE' PARANHOS e Antonio Alves eram collegas e muito amigos.

Antonio Alves gostava em segredo da senhorita Deta.

Ainda não sabia do compromisso della com José Paranhos e ia confessar ao amigo a sua affeição, quando este se approximára delle e se adeantára a contar-lhe o inesperado successo: ha muito tempo andava gostando de Deta e tivéra ensejo de se lhe declarar apaixonado; a senhorita acceitára-o como pretendente á sua mão, e ficára elle contentissimo.

Emquanto, o amigo manifestava o seu contentamento, ficava triste Antonio Alves, mas, ainda assim, não deixára de proteger o namoro do outro com a ... predilecta.

Os paes de Deta não andavam satisfeitos com a nova. Não lhes agradava o casamento della com o official do Exercito.

Eram ricos e não desejavam que a filha andasse fazendo viagens de obrigação para acompanhar o marido, não obstante haver a senhorita declarado estar disposta a tudo.

— Minha filha, ia dizendo-lhe o pae, não tens necessidade de te sacrificares por um homem que, a bem dizer, não conheces. O official é um cidadão que tem a sua posição definida na sociedade; entanto, careces de fundamento para saber si o teu pretendente é digno de ti. Conheço muitos officiaes dignos. Sou amigo de alguns, mas ninguem sabe informar acêrca da gente do capitão José Paranhos. O companheiro inseparavel delle, o capitão Antonio Alves, todos nós sabemos quem elle é: natural do nosso torrão, cujos paes são umas joias, está em condições de casar com a filha de familia da mais pura nata social, porque tem bôas qualidades...

— Pelas qualidades do capitão José Paranhos eu garanto... interviéra Deta.

— As apparencias são muito enganadoras minha filha. Ha individuos que nas mostras são primores de gentileza; no intimo, uns brutos. Garantes... Em que te baseias para abonar as qualidades moraes do pretendente á tua mão?

— Doutor Antonio Alves já me deu óptimas informações delle.

— E o capitão José Paranhos é tambem engenheiro militar como capitão Antonio Alves?

— Não, senhor. Não quiz.

— Não quiz ser engenheiro militar. Não quiz!... Ou tem o talento do outro, ou é preguiçoso e não teve coragem de proseguir nos estudos! Ou ... não quiz.

— Não vejo nada demais nisso...

— Ter ou não ter talento não depende da vontade de ninguem; mas quanto á preguiça ninguem te dirá que seja uma virtude, porquanto é um dos sete peccados mortaes!

Deta não tivéra argumento para rebater as ultimas palavras do pae e nada mais lhe respondêra.

Ficára mal impressionada com a observação deste e passára a observar o pretendente com bastante attenção.

Mais de uma vez conversára com Antonio Alves acêrca do outro. E o collega de José Paranhos fôra sempre solicito em lhe dar informações; e estas eram sempre satisfatorias.

Certa vez, perguntára ao informante:

— Por que o capitão Paranhos não se formou em engenharia, como o senhor?

— Porque não quiz.

— Por que não quiz? Isso é muito vago... Por que não desejou elle ser engenheiro militar? Isso não lhe traria desvantagens...

— Paranhos possúe excellentes qualidades; é, de facto, intelligente, mas, inimigo dos livros.

E Deta de si para si retorquira: "mas, preguiçoso!"

Cada vez que Antonio Alves conversava com Deta, mais ficava gostando della. Tinha certeza de José Paranhos não apreciar, como devêra. Sabia-lhe da opposição dos paes a r...

De Hormino Lyra

peito da pretenção do collega. Comprehendêra haver-lhe a senhorita acceito a declaração por simples vaidade de ter um pretendente que nunca se candidatára á mão de outras senhoritas dos diversos grupos de suas relações. Sabia de outras coisas mais... E não lhe agradava aquelle ambiente, por augmentar, dia a dia, a sua accentuada predilecção pela joven de quem se tornará o confidente inevitavel.

Conseguiu uma commissão fóra com a cabeça vazia e o coração abarrotado de chiméras.

Com a fórmal opposição por parte dos velhos, com a carência de amor de parte a parte dos moços, quando menos esperavam estes, um arrufo separara-os, e nunca mais se entenderam.

O capitão José Paranhos fôra transferido para outra unidade do Exercito, destacada em Sant'Anna do Livramento.

Deta esquecêra-o decididamente.

* * *

Não obstante o capitão Antonio Alves ter de Matto Grosso escripto ao antigo camarada, este não lhe respondêra a missiva por não gostar de escrever a ninguem.

Só por grande necessidade comprava uma folha de papel diplomata com a respectiva sobrecarta, pegava da penna e escrevia poucas linhas em estylo laconico.

Em geral, as cartas da mãe delle respondia em taelegramma. Só quando, por diversas vezes, reclamava ella noticias mais circumstanciadas, elle as mandava, mas, em breve epistola!

* * *

Terminada a commissão do capitão Antonio Alves, voltára este á sua unidade no Rio Grande.

Certo dia, na praça General Telles, estava a palestrar num grupo de amigos de longa data, quando passava graciosa senhorita, muito elegante, muito bem trajada. Cumprimentára gentilmente a todos.

— Quem é, indagára o capitão.

— Não a reconheces? interviéra um do grupo.

— Não.

— Já te não lembras de Deta?

— Dona Deta Côrtes?

— Sim.

— Era um gravêtinho aquella pequena! Como ficou forte! Está linda, muito linda, a dona Deta.

— Foi á Europa com os paes, depois que *deu o fóra* no Paranhos, e voltou assim como vês... Está disponivel, meu caro! Depois do Paranhos, ninguem mais conseguiu um logarzinho no formoso coração della.

— Está linda, muito linda!, repetia Antonio Alves, com os olhos pregados na gentilima senhorita, que, despreoccupada, passava em direcção da antiga Agencia Postal.

— Parece que estás apaixonado pela pequena. Como te informei, está disponivel...

— Está linda, muito linda!, repetia outra vez, sem escutar as palavras do informante.

Houve uma festa intima em casa de Deta. Antonio Alves procurára os meios de comparecer á festa.

Encontraram-se os dois — a senhorita em causa e o apaixonado official.

Confessára Antonio Alves a sua antiga paixão por Deta; occulta, é verdade, mas, em verdade, nunca extincta.

Confessára Deta que tivéra sempre admiração pelo doutor Antonio Alves e grande sympathia tambem... Confessára ainda que, de vez em vez, se lembrava delle...

Amaram-se, afinal, ternamente, apaixonadamente.

Casaram.

São hoje esposos muitos amigos, muito unidos e não se queixam nada do destino.

(Do livro inédito "No Reino dos Corações").

O QUE SATAN

QUANDO terminei de ler o livro do sr. Berilo Neves, "A Mulher e o Diabo", tive um pesadello; sonhei que havia mergulhado por algum tempo nos dominios macabros de Belzebuth.

Acho que o illustre escriptor tem uma imaginação invejavel e as descripções que faz do inferno são tão vivas, que não podem deixar de impressionar singularmente; é mesmo para se acreditar que elle tenha alguma cousa a ver com o diabo, parece lidar com elle tão familiarmente. Dir-se-ia que são irmãos, ou primos, emfim parentes "by all means".

O livro é adoravel; fez-me dar boas gargalhadas. O sr. Berilo Neves zomba de tudo, da sciencia, do homem, do amôr, da mulher, sobretudo da mulher. Sómente a imaginação do referido artista é demasiadamente aguda, tornou-se "too deep" e, por isso mesmo, vê em factos simples e banaes coisas do arco da velha, a que se refere com immenso ardor. O sexo fraco, sob esse ponto de vista, é muito mais ladino, mais sabido em sua percepção psychologica das cousas, apesar de não ser bacharel.

Mas, a Cesar o que é de Cesar, o livro é encantador: espirito fino, creações fulgurantes.

Com tudo isto, sonhei que, devido aos livros e artigos do nosso illustre confrade, todas as mulheres tinham ido parar no inferno, e eu naturalmente tambem. O dominio do "Rei das Trevas" pareceu-me horripilante: diabos por todo canto, espetando os desgraçados sem defesa, um cheiro de enxofre suf-focante chammas collossaes, carrascos, como os da Inquisição, arrancando unhas, marcando as mulheres que entravam com uma lettra nas costas, assim como no romance "The Scarlet Letter", de Hawthorne.

Eu tratei de fugir. Consegui illudir o carrasco que, quando deu côr de si, já eu havia entrado, sem ter que passar por aquelle martyrio. Emquanto elle pulava de raiva e fazia acenos desesperados para que eu voltasse, tratei de me pôr á fresca. Nesse momento de angustia, lembrei-me do Pae Eterno. Fiz uma prece fervorosa pedindo auxilio dos Céos, e eis que, por encanto, me appareceu um anjo deslumbrante. Rapaz lindo aquelle seraphim! Apaixonei-me logo por elle. Sómente eu avistava a adoravel creatura. Elle guiava-me, impassivel, pelos salões do inferno.

Eram trez salas, assim como salas de dactylographia, amplas, bem arejadas; mas era um tormento eterno; alli todos soffriam. Conforme a côr era a intensidade do fogo, assim explicou o anjo. O primeiro aposento era rubro; o calor elevava-se a 60°, como marcava um thermometro artisticamente collocado em uma das paredes. Quando os diabos se portavam bem, Belzebuth permittia que se divertissem alli com jogos de paciencia. Qual não foi minha surpreza de avistar alguns conhecidos tristemente recostados pensando nos prazeres mundanos que a tal extremo os levaram! Esbarrei com amigas anti-

---

TERRA BRASILEIRA

A' sombra da floresta a vida regorgita
No esplendor da Creação que a tudo prende e enleia;
Um sopro de vigôr a Natureza agita,
Desde o céo côr de anil ao mar beijando a areia.

Seja a folha estrellada ou debil parasita
Que aos robles nas rechans, famélica, rodeia,
Tudo attesta o poder da selva que palpita
Aos hymnos do passal que nos floraes gorgeia.

QUIZ DE EVA

gas, cujo supplicio consistia em ter a lingua a metros de distancia: não podiam mais comer nem falar. Santo Deus! Ellas que gostavam tanto de tagarellar...

Sempre guiada pelo seraphim, passei para o segundo salão. Amarello como o desprezo dos infelizes que se encontravam ás voltas com chagas horriveis debaixo de um calor de 70°. Mãe dos Céos! Havia alli muita gente importante, cujos nomes não posso dar com medo de ser indiscreta. De diplomatas o inferno estava cheio, repleto. O habil Talleyrant, com uma casaca aristocraica toda esfarrapada, fazia dó.

Darwin, com um macaco nas costas, accusado do crime de perversão da mocidade do seculo XX. Todos os ciumentos, todos os invejosos, todos os máus gemiam, profundamente arrependidos da vida que tão deshumanamente haviam despedaçado.

Entrei, afinal, na ultima sala. Era toda azul, 120° á sombra. Uivos de dôr, clamores indecorosos, era o que pullulavam pelos quatro cantos do enorme amphytheatro. Este era o maior de todos e o mais povoado: figuras de governo, Nero fazendo versos mal acabados, jornalistas, escriptores, theatrologos, emfim, muita gente conhecida.

— Mas sr. anjo, por que vim para o inferno? — perguntei a meu guia.

— E' provisorio, minha filha; só para você saber o que se passa por aqui. Depois vou leval-a aos céos.

Confiante, segui. Cheguei, afinal, á presença do terrivel demonio. Era Belzebuth. Olhou-me com tanta ferocidade, que fiquei petrificada.

— Como se atreve a entrar nos meus dominios com este companheiro? — perguntou-me a figura terrivel.

— Sr. diabo, eu tremia de medo, mas resolvi nada deixar perceber e portar-me como valorosa filha de Eva. Fui obrigada a entrar. Tive mesmo que illudir o porteiro. O meu unico desejo é sahir dos seus dominios. Quem póde sentir-se "bien a l'aise" junto do senhor? Eu é que desejo saber porque vim para aqui.

— Porque fala a verdade! — berrou a hedionda creatura. Só sahirá daqui si me prometter mentir quando voltar para a terra.

Pensei demoradamente. Nunca poderia resignar-me a contar lorotas; com certeza ia me atrapalhar. Habituada a sempre falar a verdade núa, ia fazer uma confusão tremenda e todos acabariam sabendo que eu mentia. Então, resolvida:

— Senhor diabo, prefiro ficar no inferno; não mentirei nunca.

Dito isto, virei-lhe as costas. Qual não foi a minha surpreza em ver o meu companheiro suster-me nos braços gentilmente apontando uma Luz distante e segredando:

— Vamos para o céo.

. . . .

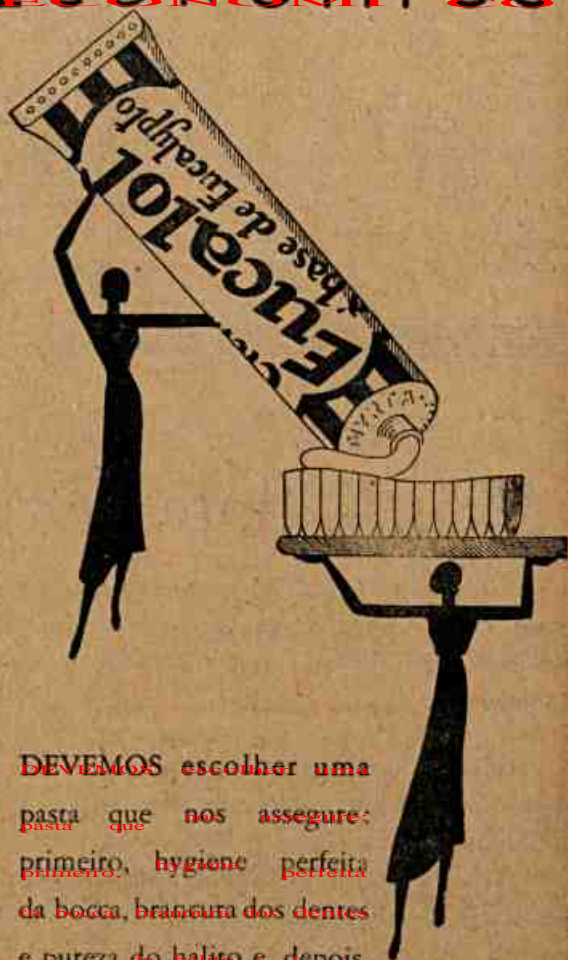
E nisto accordei.

ELISABETH BASTOS

Fazila pelo espaço um cantico disperso
Traduzindo a belleza incomprehensivel, muda,
Do segredo que envolve a vida do Universo.

E deante d'ste sólo amigo e hospitaleiro,
Minh'alma de patriota aos ares se transmuda
Glorificando a Deus que me fez brasileiro.

Pará-Belem.

APOLINARIO DE SOUZA

FOXS e MAXIXES

A mentira é, não ha duvida, uma coisa bastante necessaria. Si não fosse a mentira, o homem seria uma creatura bastante triste e infeliz. Este mundo, sem ella, se tornaria o peor de todos os mundos. Bemdita seja, pois, a mentira! Bemdita seja ella por que faz a vida bella e faz a vida bôa! Mentir — dentro da sociedade, mentir geitosamente, maneirosamente, é uma qualidade invejavel. Entre os animaes, existe tambem essa necessidade de mentir.

Os grillos sabem intelligentemente usar dos seus expedientes. Dentro da vida, elles adquirem philosophicamente a côr verdejante das folhagens. A mesma coisa se dá com o cameleão, que, como o politico sagaz, vae mudando de côr, em conformidade com o ambiente. Mimetismo.

Como se vê, a mentira é bastante necessaria. Ella é que põe um pouco de perfume na vida cheia de máo cheiro.

Bemdita a dentadura postiça da mulher que adoramos!

* * *

Mentira. Divina mentira. Ella é que faz a vida linda é o céo azul. Mentira. Divina mentira. Ella é que brilha nas salões de baile quando, ao faiscar scintillante das joias, os corpos se unem voluptuosamente. Mentira. Mulher pintada. Cheia de carmim. Cheirosa. Muito bonita. Parecendo uma boneca. O *rouge* é indispensavel. Mulher sem pintura não deve surgir em publico. Movel sem verniz é coisa hedionda. Mentira... Toda mulher é mentirosa. E' muito melhor assim. Si ellas fossem verdadeiras, seriam banaes.

Somente as pessôas banaes e burguezas têm o hábito da verdade. A verdade é sempre prosaica. Parece um funccionario publico. Sempre com receio do chefe da repartição. Coisa sórdida. Covardia. A mentira não. A mentira é elegante. Futurista. Não tem horario. Eu adoro a mentira. Somente ella sabe, com elegancia e com arte, collocar uma fina camada de pó de arroz sobre um rosto envelhecido e cadaverico.

* * *

Muita razão tinha o irónico Anatole France. O mal é realmente necessario. *Le mal*, disse o grande philosopho, *est l'unique raison d'être du bien. Que serait le comage loin du peril et la pitié sans la douleur?*

Para se dar valor a um beijo nos labios rubros de uma mulher bonita, é sempre necessario beijar-se, na vespera, os labios murchos de uma mulher feia.

Somente junto ao feio póde o bello sobresahir.

Não nos revoltemos, portanto, contra o mal.

O mal é quasi um bem.

PAULO FREITAS

Saibam todos...

BRENO JORDÃO (Pernambuco) — Caro conterraneo. Li, attenciosamente, a sua carta, onde me dá noticias da minha e sua terra.

Já é alguma coisa para mim, que não esqueço o nosso bello Pernambuco.

Noto, porém, que os meus confrades e leitores, que tanto me pedem e exigem coisas de mim, acham que nada mereço delles.

Realmente, nada desejo nada reclamo, em troca do que faço por tantos. Mas, estranho que "esses", pelo menos, não se lembrem de me fazer uma gentileza, de quando em quando.

E sabe que gentileza é essa? E' pequena. Não lhes dará prejuizo. E, depois, é facil de fazel-a. Consiste em noticias do Recife, do progresso do Estado, do movimento litterario e artistico, da remessa de alguns jornaes e revistas da capital e do interior; vistas, photographias locaes, e outras curiosidades que por aqui nunca chegam — a não ser quando vêm por intermedio de um amigo.

E' isso o que desejo. Só isso! E creio que não é muito.

Mas, que diabo! Só encontro quem me *peça*, quem queira *receber*, quem *queira* que eu *faça*...

Vamos, poeta! Mande-me dahi um sabiá do sertão pernambucano, com uma gaiola caracteristica. Eu amo os sabiás, as graúnas, os gallos de campina (estes aqui são "cardeaes"). Para que o meu pedido não lhe traga nenhum onus, advirto que concorrerei, *adeantadamente*, com todas as despezas de acquisição e transporte.

Como vê desejo apenas merecer uma retribuição de ordem espiritual, de natureza affectiva, moral, cordeal ou litteraria, si o quizer, e que tenha a bella significação de um intercambio de amizade, de pura e sincera amizade, com os meus conterraneos illustres, os filhos da minha terra invicta, gloriosa, sob todos os aspectos — pela cultura, pelo heroismo, pela tradicional grandeza da sua gente.

Percebe, poeta? Deixe que alguns fallidos, alguns mediocres e derrotistas digam mal de minha pessôa e me ataquem. Em todos os tempos, sempre houve, numa conjuncção de forças, uma harmonia de trabalho, no esforço de uma realização, no labor da construcção de uma obra, sempre houve uma voz discordante, um olhar invejoso, uma incapacidade ululante, um pigmeu rixento, u'a mão destruidora e mesquinha.

Em toda iniciativa elevada, meritoria, edificadora, é necessario contar com esses contra-tempos. Mas, estes não são um motivo, justo, imperioso, sufficiente para abater o animo. Dos que se dispõem a lutar para vencer.

E, depois desse discurso, desse *meeting*, direi que o seu poema *Finis* será aproveitado. O outro é banal. E o sr. tem talento para fazer coisa superior.

E o sabiá da matta, poeta, em que fica? Virá ou não virá?

NÓRA LISI (Bahia) — Ainda bem que os horizontes se aclaram. Vejo que as bahianas são tambem minhas bôas amigas. A prova é a missiva gentilissima que v. ex. me envia.

Eu sempre admirei as bahianas. A que não é intelligente, é bonita. E a que não é bonita, é sempre intelligente. De modo que uma bahiana representa um thesouro. Viva Nosso Senhor do Bomfim!

A sua carta? E' deliciosa de graça e amabilidade.

Eis o que v. ex. me escreve: "Bahia, 16 de Junho de 1933. Yves. Obrigada, muito obrigada pelo elogio bonito que fizeste ás bahianas! Foste gentilissimo ao dizer que as minhas patricias são geralmente bellas e intelligentes... Sim, Yves, dizem que as bahianas são bonitas. E porque não vens conhecel-as em sua propria moldura, na pittoresca e archaica cidade do Salvador? Assim, poderias constatar de visu, se são bellas e cultas, pois, não faltaria occasião de teres com ellas, ou com algumas dellas, uma dessas brilhantes "causeries" litterarias, de que tem o dom...

Fica certo, porém, que na admiração das bahianas (sendo eu uma das mais fervorosas), tem um logar preponderante e inconfundivel, apezar de reconhecermos que és um incorrigivel "blaguer"! E que ironista!... Eu então, tenho experiencia propria.

No emtanto, desta vez a ironia final da tua resposta á minha carta, (publicada em o FON-FON de 20 de Maio) não attingiu o alvo, porque, o dizeres que a tua celebre "cesta" já está preparada para receber os meus possiveis poemas, não me entristeceu, nem te desmereceu sympathia, pela simples razão de, esta admiradora tua, não cultivar a arte divina.

Não te assustes; adoro immensamente a poesia, e muito especialmente poemas suaves e delicados como os de Paul Geraldy e os teus, mas... não sou poetisa. Infelizmente para mim, e "felizmente para o Yves", nem Erato nem Calliope, nem Polymnia, quizeram servir-me de madrinhas, quando, ha quasi vinte annos, eu vim ao mundo...

Sou simplesmente, uma jovem ávida de conhecimentos, amando apaixonadamente a leitura, e que, cada dia que passa, procura aprimorar a sua instrucção e tornar-se moralmente melhor. E é só...

Peço-te que acredites no desinteresse e na sinceridade da sympathia que te dedica a

NÓRA LISI."

E, agora, muito obrigado pelo seu desinteresse e pela sua sympathia. Retribúo com a mesma sinceridade. O desinteresse e a sympathia...

CAPITU' (S. Paulo) — Bem. Eu sou como S. Thomé: gosto de vêr para crêr. A sua intelligencia é bonita. Mas custa-me acceitar que pertença a uma saia...

Em todo caso, espero que se cumpra a sua promessa... Depois, então... "A bom entendeur"...

Agradeço-lhe o conceito litterario em que tem a minha pessôa. Dizem, porém: "Palavras de mulher, leva-as o vento"...

GATINHA ANGORA' (Capital) — Muito bem. Só não concordo é com a "espiritualidade" — coisa que me parece inconcebivel no seculo XX...

Como *blague*, como motivo para uma anecdota, uma tirada humoristica, uma bôa pilheria — póde ser. Como attitude, como acção, como "modo de ser", ou ponto de partida, para chegar a um fim, é absurdo.

O resto só pessoalmente.

Como vê, esta pagina é do publico, não é destinada á minha correspondencia intima. Meu tele-

(Continúa na pag. seguinte)

phone actual? 2-9706, de 11 ás 5 horas ou 2-4136, de 5 horas em deante.

E que mais deseja, d. Gatinha Angorá? Arranhar-me e esconder as unhas? Não se esqueça de que, "gata" não come lobo, ou melhor, "loba" não come "lobo"...

CHLOE' (S. Paulo) — Chloé... E' um nome suave e bello. Lembra a Arcadia, com a sua vida pastoral, de innocencia e singeleza primitiva. Mas, lembra tambem uma encantadora paulista, que se compraz em dizer gentilezas, palavras de pura e fina cortezia.

Não creio que seja por outro motivo que v. ex., d. Chloé, me conceda tão bellos e captivantes elogios. Para v. ex., eu sou um ironico, engraçado e sentimental, — trilogia que muito me eleva aos olhos de v. ex., sem esquecer que possúo outro nobre titulo de gloria: — ser conterraneo de Medeiros e Albuquerque! Ora viva! Afinal de contas, ser conterraneo de um homem de talento é ser mais do que um simples homem que não é conterraneo de homens talentosos. Nem mesmo de mulheres de talento, como v. ex., George Sand e mme. de Staël...

O diabo é que tambem sou conterraneo de "Budião de escama..." Esse era a alcunha de ebrio contumaz, typo popular, no bairro de Santo Amaro, onde existe um cemiterio.

Esse "Budião de escama" era insolente e mordaz. Embriagava-se e sahia pelas ruas daquelle arrabalde, a praguejar e a desacatar toda gente que ia encontrando á sua frente.

Os moleques gritavam:

— "Budião de escama!"...

O desgraçado enchia as mãos de pedra, e investia contra a garotada, destampando a sargeta do seu vocabulario arrepiante...

— Budião? Budião? — vociferava o ebrio a cambalear. E dizia, com todas as letras, quem era "Budião de escama"... Dizia-o, porém, de tal modo, que as donzellas ou coravam (naquelle tempo não havia "rouge"...) ou fingiam não ouvir que o vagabundo berrava...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Imagine si agora v. ex. diz, em outra carta: "Conterraneo de "Budião de escama!..."

Leiamos a sua bella e delicada missiva:

"Yves. Ao abrir o "Fon-Fon" á pagina "Saibam todos", tenho a sensação de descerrar uma estufa, de onde se evóla suave perfume, das mais variadas flores. Sem essa pagina, seria bem provavel, perder todo colorido da revista. Você lhe empresta um encanto irresistivel! Acompanho ha annos, a evolução do seu espirito. O Yves sabe como ninguem, ser engraçado, ironico e sentimental. Essa triologia de seu espirito fascina-me. Gloria á Pernambuco, que possúe um filho assim. Venho admirando-o de ha muito mas me silenciei até este momento. Hoje, senti desejos de externar-me comsigo. Qual será o acolhimento desta minha cartinha perola?! Não o sei. Só sei que ella vai levar-lhe minhas sinceras felicitações por tudo que tem sido e o é e ainda, votos para que o futuro seja um continuador do presente.

Conterraneo de Medeiros e Albuquerque, eu o saúdo. — *Chloé.*"

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-9706

FON-FON — 8-7-933

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

ANNA MARIA (Capital) — Agradeço-lhe, immensamente, o presente de S. João que me enviou...

Não entendi bem a sua carta dupla. Em todo caso, ella ahi vae. Póde ser que alguem a decifre. Ella serve, pelo menos, para quebrar a monotonia dos maus sonetos dos poetas intoleraveis. Depois dos poemas *complicados*, as *missivas-charadas*.

Carta n.º 1:

"V. J. M. J. — Rio, 18 de Junho de 1933. Snr. Yves. Peço desculpar-me os muitos erros que encontrar os quaes, não são só por ignorancia, são devido a duas "gotteiras" que inundaram todo o recinto onde estou escrevendo e quasi inutilisou todos os jornaes e revistas..."

Snr. Yves, bem v. ex. disse, que a felicidade nunca é completa!...

Hoje assistindo o desfile da procissão do "Corpo de Deus", encontrei-me com aquella velha do "chá com torradas" então lembrei-me de perguntar pela saude e prosperidade dos jovens que costumam honral-a com sua frequencia. Ella muito pezarosa respondeu-me: dois dos jovens, a dois domingos que não lhe dão o grande prazer da sua presença, mas que os outros todos, graças a Deus, iam muito bem! Da vossa admiradora — *Anna Maria*".

Eis a n.º 2:

"Snr. Yves. V. ex. ainda se lembra d'aquella narrativa de "Oscar Wilde"? Em que, um pescador, sempre que voltava da pesca, que ia fazer em alto-mar, dizia que tinha visto "sereias", apparições sublimes! Pois bem.

Em um bello dia, em que elle foi despreoccupado, vio mesmo de verdade! ai elle voltou calado... cabisbaixo... mudo... não teve mais nada para dizer!...

Em um dia destes, deu-se commigo um caso "identico"... — *Idem.*"

Yves

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Collieres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareca qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os **Purgantes**, principalmente as **Aguas Purgativas**, os **Sáes Purgativos**, os **Pós Purgativos**, os **Xaropes Purgativos**, as **Capsulas Purgativas**, as **Tinturas**, **Pastilhas**, os **Oleos Purgativos**, os **Azeites Purgativos** e as **Pilulas Purgativas**, são todos **violentos irritantes** e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um **Vigorizador Especial** das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

CIUME

De Nair Sant'Anna

COITADA! Ella não teve culpa. Foi coisa do destino.

Tinha apenas 20 annos a formosa Jurema quando se fez noiva do riquissimo advogado Roberto de Sá. Este, apesar de já não ser nenhum joven, pois passava dos 40, conseguira, pela dedicação do seu amor ardente e apaixonado, fazer-se sinceramente estimado pela estonteante creatura que o enlouquecêra.

Muito sincera, dedicou-se ao noivo com lealdade, tanto mais que, cavalheiresco, attencioso e gentil, muito elegante, maneiras aprimoradamente aristocraticas, conseguira o dr. Roberto de Sá, não obstante a sua idade, impôr-se satisfatoriamente no coração da sua preciosa noiva.

Semelhantes requisitos num casal, amor e sinceridade, poderiam tâl-os feitos ditosos, pelo menos com essa felicidade relativa que nos é dado attingir na terra.

Mas, não o foram. Havia sempre, entre elles, desde o principio, rusgas inquietantemente repetidas.

Essas alterações, motivadas pelo ciume delle, obscureciam o claro e tenue véo da ventura dos seus esponsaes.

Jurema, mulher deliciosamente bella e irresistivelmente seductora, attrahia de tal maneira os olhares ávidos e cubiçosos de tantos homens, que o seu apaixonado noivo tinha verdadeiros impetos de tresloucados ciumes.

Extraordinariamente impulsivo, deixava transparecer, nas suas repetidas crises de zêlo, o genio arrebatado e violento que o caracterizava, occulto sempre sob o manto de polidez e cultura.

Receiava sempre que alguem ousasse agradar á mulher que amava com exaltada paixão.

Si lhe fosse possivel, afastaria do circulo das suas relações todos os rapazes encantadores, temendo que a sua Jurema adorada tivesse a idéa infeliz de fazer um confronto e que este lhe fosse desfavoravel.

Soffria muito...

Jurema, entretanto, gostava do amor brutal do seu noivo.

Amava aquelles accessos loucos que lhe desvendavam o homem primitivo lutando pelo que era seu.

Alem disso, sentia-se lisonjeada, no seu amor proprio de mulher, por ser assim amada exclusivamente, com loucura, paixão, arroubo, frenesi...

Certa do seu imperio embriagador sobre elle, tinha para cada uma dessas scenas um sorrizinho ironico, que possuia o dom de desconcertál-o.

Formou-se então na sua alma um inferno que o consomia.

No emtanto, Jurema era uma mulher profundamente honesta.

Só se lhe podia imputar como ligeira falta, — si isso póde ser *falta* numa mulher bonita — sua extrema "coquetterie".

Muito vaidosa, como aliás toda a mulher, principalmente as que têm conciencia da sua belleza, gostava de agradar, indifferentemente, a moços, velhos, mulheres ou crianças, mas sem nenhum pensamento reservado. Sendo, porém, essa, uma qualidade inherente ao sexo frágil, não constituia, pois, um defeito.

Insinuante e distincta além disso, exercia immenso fascinio sobre os que a rodeavam.

Mas, poderiamos culpál-a por seus magnificos e brilhantes olhos negros, repassados de infinita doçura, conseguirem atear uma chamma ardente em muitos corações?... Por sua bôcca perfumada e vermelha deslumbrar os que a fitavam?...

Por ser o seu corpo esculptura e moreno um maravilhoso "poema de carne"?...

Por dimanar do seu sorriso tanta feminilidade, que encantava a todos que a viam?...

Como culpál-a pelos seus encantos?..

Era, pois, na desconfiança do dr. Roberto que estava todo o mal.

Achava, ás vezes, inconcebivel que semelhante formosura, cubiçada por tantos, lhe fôsse pertencer por toda a vida.

E, assim, temendo que lh'a roubassem...

Casaram-se.

Foram passar a lua de mel num pequenino hotel duma provincia de Minas.

Elle queria guardál-a só para si, por algum tempo, já que o não podia fazer sempre; trazêl-a escondida dos olhares masculinos, afim de gozar tranquillo a sua lua de mel.

Andava radiante.

Naquella villa longinqua, não havia motivo de muito zêlo. Pouca gente teria opportunidade de vêl-a.

Hotel pequenino e distante da cidade, raras pessôas ahi se hospedavam, e assim mesmo de passagem. Por esse motivo, o dr. Roberto julgava-se, a principio, livre da immensa côrte de admiradores que cercava sua Jurema em toda parte.

Na aléa direita do andar superior, os recem-casados occupavam trez dos quatro unicos aposentos que ahi haviam, e, como o contiguo estivesse vazio, Jurema andava ali por cima, á vontade, sem receio de importunos.

O proprio esposo ciumento não via inconveniente nisso.

Passaarm um mêz delicioso.

Elle, sempre apaxonado, mais calmo e feliz.

Ella, muito mimada e ditosa, correspondia na plenitude das suas forças com profundo carinho e gratidão infinita aquelle homem que tão perdidamente a idolatrava.

Um dia, porém, — foi o destino — succedeu o inevitavel: um hespanhol que ahi fôra tratar dos negocios de uma herança, vira-a na mesa do almoço e ficou doidamente enamorado.

Typo libertino, cynico, que não media obstáculos desde que se tratasse de uma conquista amorosa, resolveu empenhar-se em mais uma.

Nessa noite, emquanto jantavam no salãozinho do hotel, o audacioso hespanhol não cessava de olhál-a. Terminada a refeição, pediu ao dono do hotel que lhe cedesse o quarto do andar superior que estava desoccupado.

O dr. Roberto dormiu mal depois disso.

Não gostou dos olhares admi-

tivos que o novo hospede lançára á sua esposa.

Mas, resolveu aguardar um pouco. Si o hespanhol não se iria logo embora, como alguns outros. Obcecado pela seducção immensa daquella mulher extraordinaria, o outro não pensava em partir.

No dia seguinte, pôz-se á espreita pela fechadura quando ella sahia dos aposentos, passeando avidamente os seus olhos ardentes por aquelle formoso corpo que o seduzia, e por aquellas fascinantes pupillas negras, que sem nunca o terem fitado, despertava no seu coração impetuoso de meridional uma paixão diabolica.

E a Jurema passára despercebida a immensa admiração de que era objecto.

. . . .

Era a hora poetica do por-do sol. Hora da melancolia, suave doce....

Do lado do Occidente, os formosos raios crepusculares formavam no horizonte uma faixa de côres maviosas e harmonicas, que se estendiam preguiçosamente como que saudosos de abandonar a terra.

Jurema, no seu quarto, cantava acompanhando-se a si propria na guitarra.

E essa melodiosa e quente voz de inflexões calmas inebriou-o... Inebriou-o de tal fórma, que elle completamente desnorteado, foi empurrar a porta do aposento da sua formosa vizinha.

Ella estava só.

Envolvida ligeiramente num finissimo "negligée", recostada indolentemente num divan cheio de coxins, tocava guitarra e cantava uma modinha brasileira caprichosa e dolente.

Defronte della, numa pequenina mesa florida, estavam elegantemente dispostos, os preparos para o chá das 7 com o esposo.

Vendo, de repente, que um desconhecido surgia á porta que estava apenas encostada, quiz gritar mas não poude.

Arrebatado de amor, vendo unicamente na sua frente a belleza immensa daquella embriagadora creatura, num gesto brutal tomou-a nos braços possantes e colou-lhe nos labios, loucamente, demoradamente, a sua bôcca sequiosa.

E ella, presa nos braços daquelle homem forte, supportava o beijo odioso sem forças para se debater.

A esse tempo chegava ao hotel o dr. Roberto. Tendo voltado mais cêdo do que avisára á mulher, subira subtilmente para gozar lhe a surpresa.

Mas, ao entreabrir a porta, vê, desvairado, louco de espanto, a mulher naquelles trajos, nos braços de um homem e uma mesinha perfumada e preparada para um chá intimo, sem duvida.

— Trahidora! — rugiu, sem poder dominar-se.

Ouvindo este grito, o miseravel largou, emfim, Jurema, e fugiu covardemente por uma porta lateral, que dava para a escada, antes que o dr. Roberto désse accôrdo de tal.

Livida, as mãos supplices, tentou a mulher explicar-lhe o succedido.

Mas, elle, sem raciocinar, interpretando como a de uma culpada a sua attitude, não lhe quiz ouvir as justas razões.

Num salto brusco, como o de uma fera ao agarrar a presa, apertou, desvairadamente, as mãos febris na garganta da mulher, estrangulando-a.

Sacudia nervosamente a pobre victima, numa furia satânica!

Depois, contricto, tomou nos braços o bello corpo sem vida e foi depôl-o, cambaleando, entre as almofadas do divan onde havia pouco ella cantava cheia de vida.

Jurema pudéra apenas dar um unico grito, que fôra ouvido pelos demais moradores do hotel.

E, dois segundos após, quando os vizinhos chegaram ao aposento do casal, donde perceberam vir o lancinante grito, encontraram o pobre homem a cobrir de beijos freneticos, soluçando perdidamente, o corpo da mulher amada.

O QUE SE DEVE SABER

O SOL

Muitos indicios fazem acreditar que o interior do sol é praticamente rigido o que seu movimento de rotação deve effectuar-se como o de um corpo solido. Unicamente, uma camada superficial poderá ser fluidica ou pastosa, de modo a permittir as differenças de rotação que revelam as manchas, e que confirma, alem disso o estudo espectroscopico das bordas do sol, baseados no principio de Doppler-Fizeau.

Concentrando a attenção na radiação da superficie, e recordando os valores obtidos para a constante solar, é possivel fazer-se uma idéa da radiação effectiva do sol.

Desde logo, não é difficil calcular que cada kilogramma de materia solar emitte, annualmente, pelo menos 1.36 calorias. Isto, no que se refere á massa total.

Quanto á superficie, um metro quadrado emitte, aproximadamente, um milhão de calorias por minuto, o que equivale á energia desenvolvida por 100.000 cavallos-vapor ou a uma energia calorifica capaz de fundir em um minuto uma barra de ferro de 16 metros de altura por 1 metro.

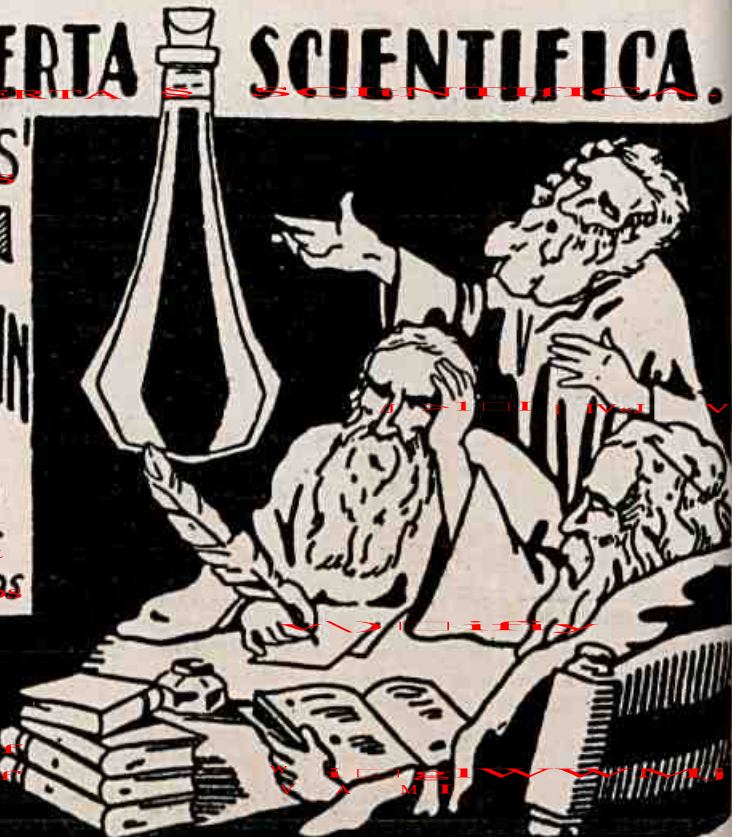
A potencia total do sol equivale, em numero redondo, a um quatrilhão (um milhão de trilhões) de cavallos-vapor.

Como se mantem a radiação ou energia do sol?

Antes de tudo, é indispensavel repetir que o sol não arde, como se affirma em não poucos livros de astronomia. Se o sol fosse um bloco de hulha em combustão e radiasse sua energia de accordo com o regimen actual, em 2000 annos estaria extincto. E' dispensavel dizer que sua vida preterita (e, mesmo, no periodo historico) é immensamente maior. As investigações geologicas fazem-na remontar a mais de 100 milhões de annos antes do apparecimento sobre a terra das primeiras manifestações de vida.

Poderia suppor-se que o sol não é um astro simplesmente incandescente. Em tal caso, sua baixa de temperatura annual estaria comprehendida entre 1º e 10º, de modo que a partir da temperatura actual, por exemplo, bastariam poucos annos par que em toda a terra começasse um periodo glacial de depressão thermica indefinida, coisa que a observação demonstra ser absurda.

E' indispensavel, portanto, que exista algum mecanismo ou processo que compense, quasi por completo, as perdas que soffre o sol pela radiação.

O LENÇO MAGNETIZADO

O illusionista pede um lenço emprestado e, rodeado de espectadores, colloca-o estendido na sua varinha magica, que tem na mão esquerda. Com a outra mão, elle faz alguns *passes* sobre o lenço. Este, como que magnetizado e obedecendo aos *passes* do illusionista, começa a levantar-se vagarosamente, até ficar em pé sobre a varinha, numa posição vertical, e circulando em todo o

sentido no meio dos espectadores, afim de que estes apreciem o phenomeno de perto.

Para finalizar, o lenço volta á sua posição primitiva, sendo, então, retirado e entregue ao seu dono, e a varinha não apresenta nada de extraordinario.

Para execução desta original ex-

periencia, basta um golpe de vista no segundo *cliché*. A varinha tem um encaixe no sentido do seu comprimento. Nesse encaixe será collocada uma barra de arame duplo como uma argola oblonga, que circulará num eixo, feito por um prego numa de suas extremidades internas. Numa das extremidades dessa barra de arame prende-se um fio forte. Quanto a outra extremidade do fio, póde-se tê-la num botão do collete.

Dessa fórma comprehende-se perfeitamente que, segurando a varinha na mão esquerda e desde que se tenha estendido o lenço sobre a mesma, os dedos da mão esquerda largam a barra de arame que, cahindo, fica presa no eixo da frente.

O fio, nesse caso, deve estar preso na extremidade inferior do arame, passando por cima do eixo.

Para que o lenço levante, basta estender a varinha para a sua frente, pois o fio puxará a barra de arame para cima, numa posição vertical, e assim a illusão é completa.

REIS INSEPARAVEIS

De um baralho de cartas usuaes, retiram-se os quatro reis, que se collocam em differentes partes do baralho, á vontade dos espectadores. Manda-se partir o baralho e, procurando em seguida os reis, ver-se-á, com surpresa, que elles se acham todos juntos, sendo de notar que o baralho não contém outros reis.

Explicação:

Como preparação tomamos trez reis reunimos, a estes, duas cartas differentes e, por fim, o outro rei.

Então, abrimos estas cartas em fórma de leque e mostramos só os quatro reis, occultando as cartas differentes atraz de uma daquellas 4 figuras, na ordem que lhes demos.

Depois que tiverem visto os reis, fazemos delles um macete, que collocamos em cima do baralho.

Dizemos que vamos distribuir aquellas 4 cartas por differentes logares do baralho.

Tiramos a carta de cima (que, sendo realmente um rei, poderemos mostral-a sem intenção apparente) e a collocamos em baixo do baralho.

Tomamos a carta seguinte (que os espectadores suppõem ser tambem um rei) e a collocamos um pouco abaixo do baralho.

Fazemos o mesmo com a carta seguinte, mas um pouco acima da outra.

Tiramos a quarta carta (que, sendo realmente um rei, mostraremos sem affectação), e tornamos a pôl-a sobre o baralho.

Desse modo, teremos tres reis em

cima e um em baixo, não obstante o auditorio pensar que elles foram distribuidos por differentes partes do baralho.

Mandamos partir as cartas, e os circumstantes se admirarão de ver os reis reunidos outra vez.

E' melhor empregar, como cartas differentes nesta sorte, os valetes ou damas, por se parecerem mais com os reis, no caso que algum espectador as lobrigue no acto de collocal-as no baralho.

Ha outros processos para se fazer esta sorte, mas dependem de muita ligeireza de mãos.

INTRIGAS DE VIZINHOS

RUA de suburbio. Por detraz das janellas das casas de um só pavimento, vêem-se matronas sentadas, apreciando discretamente o movimento, emquanto que nos portões, mocinhas casadoiras esperam os namorados, geralmente empregados do commercio, que, depois de irem á pensão mudar a roupa ensuarada, vêem todos endomingados dar o seu dedinho de prósa... Mas além, na estação, trens que chegam, trens que partem, com um barulho ensurdecedor, e uma fumaça que infecciona todo o ambiente.

Naquella rua deserta do Meyer, morava Angela. Defronte de sua casa habitavam duas solteironas que diziam ter trinta annos. Ao lado, umas velhas que viviam com uma sobrinha, pequena dos seus dezoito annos, tão feia quão espevitada. Do outro lado, era um coronel reformado do exercito, velho solteirão de costumes antigos.

No ultimo carnaval, indo Angela ao baile da Sociedade Recreativa da localidade, lá conheceu Camillo. Dançou com elle durante toda a festa, tornando-se ambos bons amiguinhos. Era essa a razão pela qual Angela era vista todas as noites no portão de sua casa, conversando com um rapaz. Ali ficavam elles, enlaçadinhos, fazendo castellos, que talvez num futuro muito remoto viessem a se realizar, até que a voz de d. Emerenciana, mãe de Angela, a chamasse para dentro, que já eram horas de se recolher.

A' proporção que esses encontros se repetiam, a vizinhança se assanhava cada vez mais: aqui eram as solteironas que commentavam com risotas malevolas; além eram as velhas que se escandalizavam murmurando de modo que o par ouvisse:

— Que pouca vergonha! Nem noivos são! Aquella pequena precisa é de uma bôa surra!

Foram taes os commentarios, que Camillo, apesar de não estar em condições de casar, resolveu tornar-se noivo official. Agora, era na sala de visitas que os dois ficavam, repetindo os idyllios do portão. A mãe de Angela, propositadamente só apparecia na hora da despedida. Mas a turma era impiedosa! Ouçamos o que dizem:

— Esses costumes modernos são immoraes. Dois noivos a conversar sózinhos! No nosso tempo era sob as vistas do papae! — disse uma das velhas.

— Quando a moça é recatada, d. Balbina, ella mesma péde que a acompanhem; mas, quando é uma desavergonhada que precisa da vizinhança reparar para ficar noiva official, ahi não ha remedio — respondeu a solteirona mais moça.

— Olhem que falta de respeito, Santo Deus! Estão a se beijocar!

— Ora, Lili, você está criticando porque nunca foi beijada! — disse a sobrinha de d. Balbina, que ainda não havia entrado na conversa — E' tão bom!

— Que é que você está dizendo, Milota? Como é que você sabe dessas cousas?

— Eu quiz dizer que beijar deve ser bom, titia.

— Basta de inconveniencias, menina! Você nem devia estar assistindo a essas immoralidades, quanto mais commentando-as.

— Então dizer que beijar deve ser bom é alguma inconveniencia, titia?

— Você continúa a insistir? Não me envergonhe mais esta noite Milota. Vamos embora, ande!

Atravessando a rua, deu ainda uma espiadela

Evita a carie e o máu halito.

De Paulo Valladares

para a casa de Angela e entrou na sua, acompanhada da sobrinha.

Passaram-se os mezes. A vizinhança já esquecêra o caso de Angela, quando uma das solteironas descobriu que Milota estava namorando um alumno do Collegio Pedro II. Correu para o interior da casa gritando:

— Lili, venha ver uma cousa! Depressa, Lili!

Lili, meio assustada, perguntou:

— Que escarceu é esse? Morreu alguem?

— Não, descobri a Milota num namoro ferrado com um garoto do Pedro II.

— Naquella noite em que ella disse que beijar devia ser bom, eu bem que desconfiei. Que pequena sapeca! Nem desconfia que é horrenda! Mas um alumno do Pedro II? Que dois! Mal largam as fraldas e já namorando! Vamos contar á titia. d. Balbina com certeza ainda não sabe disso.

— Quando souber, dar-lhe-á uma surra que nunca mais se lembrará de namorar no portão. Vamos já, antes que seja tarde.

Assim dizendo se dirigiram á casa de d. Balbina:

— Bôa noite, Milota. Sua tia está em casa?

— Bôa noite; podem entrar. Titia, as meninas estão ahi!

— Entrem, — respondeu d. Balbina, de dentro. Sentem-se aqui — disse, apparecendo.

— Viemos por um instantinho. A senhora, certamente, ainda não sabe dos factos que se têm verificado na porta de sua propria casa.

— Que é,

— Trata-se da sua sobrinha. Está escandalizando a rua inteira com o seu namoro com um alumno do Collegio Pedro II. Venha ver com os seus proprios olhos.

— Ora! E' isso, Que têm as senhoras com a minha sobrinha?

— Viemos, como amigas, avisál-a.

— Eu sei de tudo. E' um optimo partido. Bôba será ella si não aproveitar. Vocês vieram me dizer porque são umas despeitadas. Envenenaram a rua no noivado da Angela, e, agora, querem fazer o mesmo com minha sobrinha! Milota não precisa de mentoras!

— Assim que a senhora paga a nossa antiga amizade, não é? Quando é com os outros, é pouca vergonha; mas, quando chega em casa, é a cousa mais natural do mundo! Passe bem, sua barata de sacristia!

— P'ro inferno, quarentonas!

....

Alguns mezes depois, da casa em frente ás quarentonas, sahia um casamento. Era o de Angela com Camilo. Ao lado da noiva, ia a madrinha, d. Balbina; um pouco atraz, Milota com o seo garoto do Pedro II. As duas irmãs, por não terem sido convidadas, estavam acintosamente á janella, criticando, como sempre, as attitudes de d. Balbina, agora, sua inimiga figadal!

— Seu guarda: leve-me preso. Acabo de dar uma pancada na minha mulher, com um ferro.

— Matou-a?

— Não; e é por isso mesmo que venho pedir que me prenda...

Indanthren
CHUVA
SOL
Com chuva ou com sol, conservam-se sempre, as mesmas, nitidas e vivas, as côres dos tecidos tintos com corantes
INDANTHREN
Por isso, sempre que uma senhora fôr comprar uma fazenda para uzo pessoal, dos filhos, ou da casa, deve verificar se ella traz a etiqueta
INDANTHREN
que marca os tecidos de côres fixas, de resistência insuperada ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 27

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1933

O melhor momento do amor

FOI Sully Prudhomme quem pôz esta sentença estupenda nuns versos lindos a que deu o titulo de "Le meilleur moment des amours":

Le meilleur moment des amours
n'est pas quand on a dit: je t'aime.
Il est dans le silence même...

Sim. O melhor momento do amôr, digamos: de determinados amores — é o do proprio silencio. O silencio em que as almas permanecem como que anesthesiadas, frias, insensiveis á dôr, ás maguas, aos desesperos, aos contratempos, que delle nos vêm, frequentemente...

Ha como que um descanço, um repouso, uma pausa para os que amaram e, de repente, deixaram de amar.

Porque — não ha mal em repetir uma coisa sediça — o amôr ha de ser sempre um sentimento complicado.

E quando a imaginativa dos gregos o representou infantil, e armado de arco, com ar ocioso e maligno, soube bem o que fez.

Isto é, fêl-o inconsciente e perverso, para significar aos amantes que delle nunca se deve esperar bondade nem coherencia.

O amôr, para ser amôr, para ser um verdadeiro amôr, tem de ser como é: — mau e absurdo.

* * *

Mas, será por isso mesmo que o seu melhor momento é, como insinúa o poeta de "Le Vase brisé" — o momento do "silence même?"

Eu creio que sim.

* * *

Quando um amôr nos encheu a vida, como uma apotheose sublime, como um céo de madrugada e, um dia, o encheu de melancolia e de sombras, como um crepusculo de inverno — de certo, o melhor momento desse amôr é o silencio.

O silencio, que é como uma imagem de morte, como a sombra de um sonho, como uns restos de perfume numa rosa defunta...

Quando se ama, e a alma está cheia de amôr, porém, crivada de feridas, — o melhor consolo para aquelle que soffre, o maior encanto, "le meilleur moment" está no silencio em que se vêm os dias decorrer...

* * *

Quebrar esse silencio, para aggravar a dôr e a saudade, ou profanar o passado, é um crime, que não póde pleitear um perdão.

Não esqueçamos que a dôr, a saudade, a tristeza, a amargura e os desgostos possuem tambem a sua esthetica: — o silencio.

E si querem mais, digamos: — esse silencio que dorme sobre o coração, entre desillusões e renuncias, como sobre o marmore de um tumulo, a aza quieta da Morte, entre violetas e geranios...

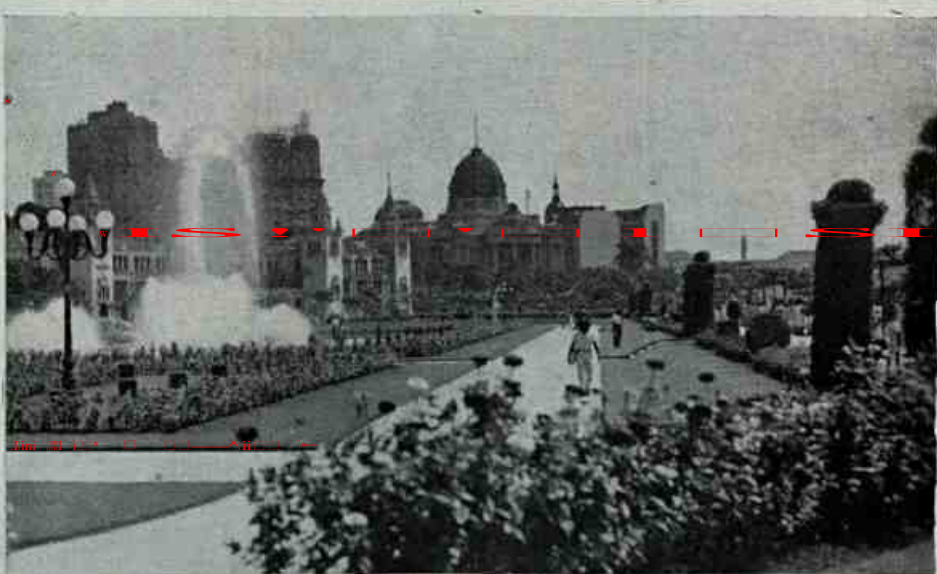
* * *

Oh, Sully Prudhomme é quem sabe vêr as coisas da alma: — "le meilleur moment des amours n'est pas quand on a dit: je t'aime".

E' quando nada se diz... E' quando a alma soffre, calada; é quando a alma não se expande, não faz crêr que ama, nem que não ama...

E' quando entre as almas só ha o vazio, a distancia, o silencio.

BASTOS PORTELLA

Les buissons d'eau

EDGARD LIGER-BELAIR é uma bella expressão da poesia franceza. Modernista, por excellencia, explora sempre os motivos que mais se coadunam com espirito da vida contemporanea. E é por isso que em seus poemas, quando não vibram os cantos de louvor á força e á coragem, se erguem hymnos ao trabalho, ao operario na fabrica, ás altas concepções e realizações deste seculo. Sem embargo, Liger-Belair é um poeta de sentimento educado. Por vezes, a sua arte parece feita de rendas de espumas, de perfume e de sonho. Não lhe falta, tambem, o senso seguro da côr, do rythmo, do movimento e da graça fina, que é a caracteristica da poesia franceza. Amigo do Brasil, enthusiasta da nossa natureza, e de todas as nossas coisas, o artista de "Les Diabolé sques" vae dar nos um novo poema, dentro de pouco tempo. Nesse livro figuram varias paginas, onde se fixam aspectos da nossa civilização e da alma brasileira. Uma dessas paginas é a que offerecemos aos nossos leitores. Canta ella a nossa Praça Paris. O verso de Edgard Liger-Belair está cheio do colorido e do dynamismo daquelle trecho encantador da cidade.

Dans les Jardins de la Gloria,
Sont des jets d'eau multicolores,
Aussi brillants que des aurores,
Joyeux comme un allelluia.

Dans la sérénité de la nuit tropicale,
Tiede comme un manteau,
Dansent les buissons d'eau,
Couleur d'opale.

Trois cents jets d'eau d'argent lancent leurs tiges frêles
Vers le mystérieux plafond
Ou voyagent sans bruit des astres et des ailes...
Trois cents jets d'eau groupés en rond.
L'eau souple, en frémissant, joyeuse, fait un bond,
Elle s'ouvre en bouquets aux gracieuses branches,
Et puis, rebondissant sur l'invisible, en l'air,
Elle retombe en avalanches,
Au bassin clair
Qui giole et qui frissonne.
Sa pluie en berceuse fredonne.
Et comme au fond de l'eau l'on a mis des lumieres,
Des feux de toutes les couleurs,
Tous ces jets d'eau mêlés sont des gerbes de fleurs,
Et des flamboiements de bannieres,
Ce sont des massifs d'or, de nacre et d'allégresse,
Des concerts lumineux, des ballets de soleil,
Ici brasiers ardents, et la vivant pastel,
De la poussiere d'arc en ciel.
C'est une moisson fraiche et qui renait sans cesse,
Un tourbillon de ruche a l'heure du réveil,
Un oasis féerique enchanté qui se dresse,
Au désert de l'ombre traitresse,
Toujours même et jamais pareil.

O jets d'eau merveilleux de Rio la Magique,
A la fois buissons d'eau, de cristal et de feu,
Descendus la, d'un conte bleu,
Pour être un miracle authentique!
Spectacle, charme et but des promeneurs du soir,
Qui s'attardent rêveurs, dans les nuits grandioses,
Et, faisant cercle autour de ces apothéoses,
Sur leur fond radieux se détachent en noir.

EDGARD LIGER-BELAIR

Toque de feutre beige travaillée de plis. Voilette a pois de feutre.

(Photo especial para FON - FON).

Caverna de Ali Babá

Acaba de ser effectivado na chefia do serviço de oto-rhino-laryngologia da Assistencia Municipal o dr. Agoncillo Caiado de Castro, um dos mais distinctos medicos do quadro daquelle importante departamento municipal. O dr. Caiado de Castro, que entrou para a Assistencia na administração Gastão Guimarães, é um cirurgião de notaveis meritos, possuindo um activo de intervenções que honra, não só a sua capacidade profissional, mas, tambem, o archivo geral da Assistencia. Sua effectivação representa, assim, um acto de plena e incontrastavel justiça.

Por acto do sr. interventor do Districto Federal, acaba de ser nomeado para o cargo de medico auxiliar da Assistencia Municipal do Rio de Janeiro o illustre e joven clinico dr. Esmaraggdo Ramos, assistente do dr. Silva Mello, na Polyclinica de Botafogo. Natural do Estado do Piauhy, o dr. Esmaraggdo Ramos, formado pela Faculdade de Medicina desta capital, aqui tem sabido se impôr pelas suas elevadas qualidades de caracter e intelligencia. Por motivo do justo acto de sua nomeação para aquelle departamento da Prefeitura Municipal, seus amigos e admiradores, que são todos quantos têm o prazer de conhecêl-o, preparam-lhe carinhosas manifestações de carinho e sympathia.

OS BURROS E A TRIBUNA

No livro VII das "Methamorphoses", Apuleio põe á bôcca do principal personagem, transformado em burro por artes magicas, estas imprecações: "Ego denique quem soevissimum, ejus impetus in bestiam, et extremae sortis quadrupedem deduxerat..."

Quasi todos os eruditos commentadores do velho classico lybico-latino têm protestado contra a classificação do burro como o ultimo dos quadrupedes, nesse trecho de prosa. Entretanto, ella exprime a opinião geral sobre esse animal paciente e teimoso, com o qual se comparam todos aquelles que a natureza privou de intelligencia. Tal privação não é, pelo menos parece, o menor presente que a um mortal os deuses podem fazer. Ella lhes traz grande felicidade nesta e na outra vida. Dos pobres de espirito é o reino da terra e será o reino dos céus...

O illustre senhor de Buffon lavrou calorosamente o panegyrico do burro e muitos daquelles que o têm lido ou pensam como elle acham que é até insulto fazer desse intelligente quadrupede o symbolo da estupidez. Quero crêr que têm toda a razão.

Si sua historia não é gloriosa e rutilante como a do cavallo, tem fortes traços de luz. Na sua obscuridade, o burro tambem tem recebido alguns raios de gloria que aureola os grandes typos da humanidade. Alexandre Magno repetia com prazer o proverbio que diz só serem inexpugnaveis as cidades onde não possa penetrar um burro carregado de ouro. Não consta que tivesse dito uma só vez — "um cavallo". Uma feita, um oraculo avisou-o que, para se livrar da má sorte, mandasse matar a primeira creatura que avistasse. O conquistador olhou a estrada por onde ia (narra o facto Valerio Maximo no seu "De vafre dictis aut factis") e viu um camponez tangendo um burro. Mandou que o agarrassem e matassem. O homem perguntou ao rei por que tão injustamente o condemnava á morte. Alexandre narrou-lhe o que se passára entre elle e o oraculo. Então, o outro respondeu-lhe:

— O' rei, tu avistaste primeiro o meu burro, que caminhava á minha frente!

O filho de Filippe achou que tinha razão, deu ordem para que sacrificasse o asno e regiamente recompensou o esperto campónio. Si o burro falasse, porem, que diria da sahida do dono?...

Outro burro que ingressou na historia, á sombra de outro conquistador, foi o que serviu a Napoleão para a travessia dos Alpes. Comtudo, os annalistas, mesmo Frederico Masson, que sabe tudo quanto diz respeito ao grande caso, ignoram seu nome...

O burro, que participa da historia, da fabula, da mythologia e da literatura, domina a agiographia: burros de Balaão, Abrahão e Zippora, mulher de Moysés; jumentos de S. José, Santo Ignacio e S. Pedro Celestino; a jumenta em que, sob o esvoaçar de ramos verdes, Jesus entrou triumphalmente em Jerusalem.

O joven medico cearense, recentemente formado pela Universidade do Rio de Janeiro, Licinio Nunes Cordeiro, que vae dedicar-se á clinica em Fortaleza. Espirito culto e dedicado á sciencia, saberá impôr-se pelos seus dotes de caracter e de intelligencia.

(Conclue na pag. seguinte)

CAVERNA DE ALI-BABA'

(Conclusão)

O velho Sileno andava montado num asno. Na mesma montaria, os byzantinos passeavam pelas aldeias sua deusa popular Dindymena. Os burros misturavam-se ainda mais na vida romana pelos prodigios e presagios. Para Amiano Marcellino, o maior delles occorrido no Imperio fôra o dum burro, na cidade de Pistoia, que subiu á tribuna do Forum e começou a zurrar destemperadamente... "Asinus tribunali adescenso audiebatur destinatius rugiens" — diz o historiador latino. E accrescenta: "et stupefactis omnibus!"

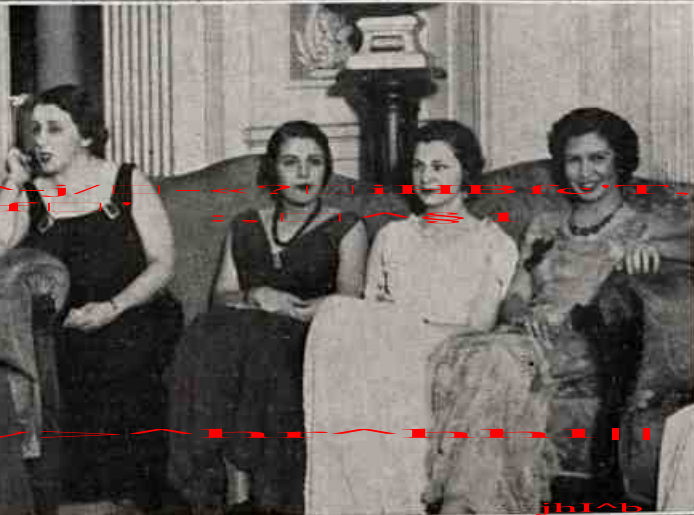
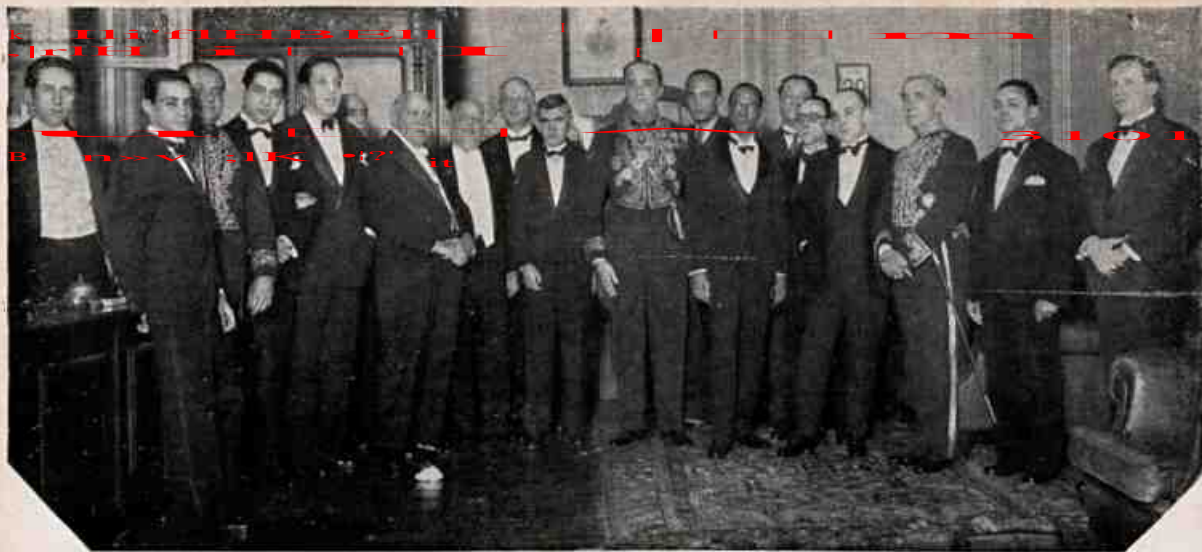
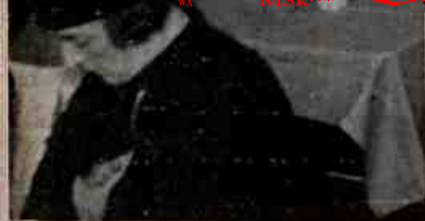
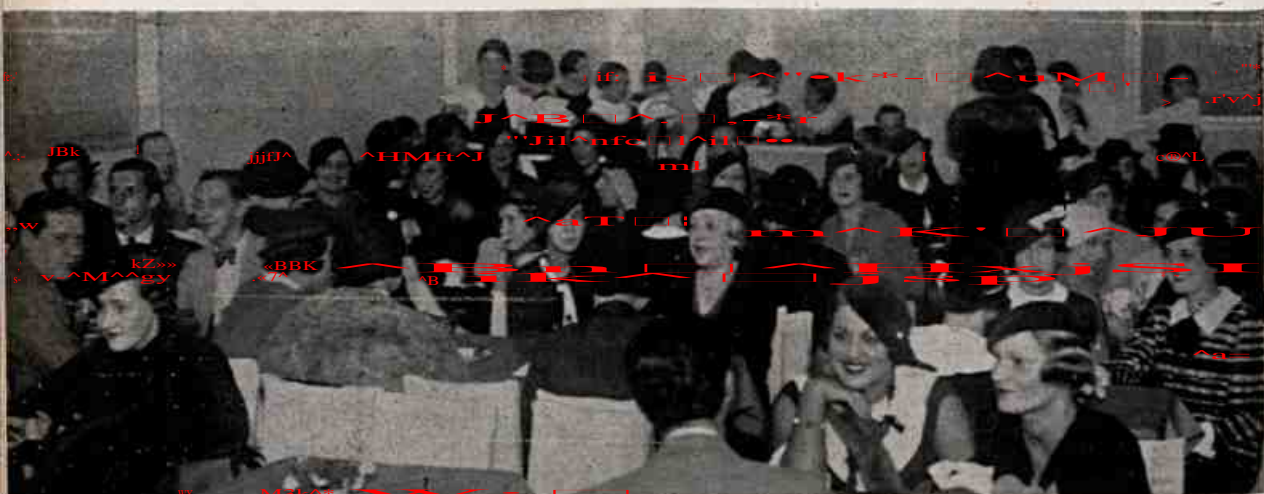
No Brasil, estamos tão habituados a ouvir burros zurrarem nas tribunas forenses e, sobretudo, nas parlamentares que não ficamos mais estupefactos. Em Roma e em Pistoia, era a falta de costume que produziu o assombro. Aqui, não se ligava mais a menor importancia, especialmente quando Camara e Senado funccionavam. não se liga ainda e talvez não se ligue com a futura Constituinte...

SÉSAMO

A illustre dama paraguaya sra. Marcella Duranti de Ayala, esposa do presidente Euzebio Ayala, recebeu, nesta capital, que acaba de visitar, em viagem de recreio, expressivas demonstrações de apreço por parte, não só dos seus compatriotas aqui residentes, mas, tambem, das autoridades e da sociedade brasileiras. Homenagearam-na o ministro do Paraguay e sra. Rogelio Ibarra, o nosso governo e o corpo diplomatico sul-americano. Entre as homenagens prestadas á exma. sra. Euzebio Ayala, durante sua curta permanencia no Rio de Janeiro, teve significação especial, revestindo-se de grande brilho social, o banquete do Jockey Club, offerecido á distincta visitante pelo ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e do qual offerecemos dois aspectos nesta pagina.

A sra. Rosalina Coêlho Lisbôa Miller, grande poetisa e grande dama da sociedade brasileira, foi designada, pelo governo da Republica, para representar o nosso paiz na Exposição de Chicago, e partiu esta semana, acompanhada de seu esposo, para a America do Norte, afim de assumir o seu posto na delegação brasileira, chefiada pelo capitão João Alberto, e que alli já se encontra. A illustre autora de «Rito pagão», figura altamente representativa da litteratura nacional, é portadora de expressiva mensagem de saudação da Associação Brasileira de Imprensa aos nossos collegas do periodismo norte-americano. O presidente da A. B. I. e sra. Herbert Moses offereceram, em sua residencia, á sra. Rosalina Coêlho Lisbôa Miller, um almoço intimo para homenagear a brilhante escriptora e fazer-lhe entrega da mensagem em questão. Tomaram parte no almoço, além da homenageada e dos amphytriões, o sr. James Miller, esposo da sra. Rosalina Coelho Lisbôa Miller, e os jornalistas Raul de Borja Reis, Oswaldo de Souza e Silva e Martins Capistrano, directores da Associação Brasileira de Imprensa, e Helio Silva..

Ao dr. Celso Kelly, presidente da Associação dos Artistas Brasileiros e director da Instrucção Publica no Estado do Rio, foi offerecido um almoço no penultimo dia de Junho, partindo a iniciativa de tão justa homenagem de um grupo de amigos e collegas daquelle illustre advogado, pintor, jornalista, educador e homem de sociedade. Realizou-se o almoço no restaurante da «Casa do Estudante», onde se reuniram, para homenagear o dr. Celso Kelly, figuras representativas dos nossos circulos intellectuaes, artisticos e sociaes.

O Automovel Club do Brasil offereceu, sabbado, um esplendido baile á sociedade carioca, encerrando os festejos do «Mez da Cidade». Foi um acontecimento mundano de raro brilho, congregando, nos luxuosos salões do palacio da rua do Passeio, as figuras de maior realce do nosso «set». Nas gravuras desta pagina reflecte-se o esplendor da festa de sabbado, no Automovel Club.

Em sessão solenne commemorativa do 16.º anniversario da morte de Francisco Alves, seu grande bemfeitor, a Academia Brasileira de Letras fez, na noite de 29 de Junho, a distribuição dos premios aos laureados nos concursos literarios de 1932. Presidiu á solennidade o dr Gustavo Barroso, presidente da Academia, que fez o discurso principal da noite. Em nome dos laureados, fallou o escriptor José Geraldo Vieira, premio de romance, autor do livro «A mulher que fugiu de Sodoma» e figura marcante na literatura nacional.

Na elegante «boite» da rua da Carioca, 14, a Pequena Cruzada inaugurou sabbado ultimo os seus chás deste anno, que estão decorrendo com a animação e o brilho mundano de sempre. O producto dessas reuniões chics, onde a sociedade carioca se movimenta garridamente, reverterá em beneficio da construcção do orphanato da Pequena Cruzada, o que constitúe motivo sufficiente para lhes assegurar o êxito. Nosso «clichê» apresenta um flagrante do chá inicial da Pequena Cruzada e um grupo de senhoritas da «élite» carioca que patrocinaram a linda festa.

feira de vaidades

RIO, EU TE AMO...

CIDADE feiticeira, de muitos mysteriosos! Ninho de azas multi-côres. Caixa de segredos de um magico que, no fim da vida, passa o tempo a surprehender-se com a prodigiosa collecção de raridades, que elle proprio organizou. Rio... Primeira mostra de arte de um genio meio satanico, meio divino, que foi o mais arrojado animador de massas cosmicas. Tela incommensuravel, presa ao infinito, onde se pintou a historia da Creação, em series. Rio... Cidade feiticeira, entronizada nas montanhas, com o sequito verde das florestas alfombrando-lhe o collo e a submissão heraldica da bahia, afagando-lhe as plantas. Rio... eu te amo... eu te amo...

*

Nasceste para deslumbrar. Mas o que coroou o teu destino, cidade-sortilegio, foi a tua gloria humana. Deserta, eras, apenas, a selva maravilhosa; povoada, celebras um poema de ternura entre os sêres e a terra, entre os brutos e a humanidade. Tua belleza doira-se da graça das tuas mulheres, do seu sorriso, dos seus feitiços. Se os gregos antigos, bebedos de ideal e de volupia, aportassem aqui e te elevassem uma estatua, a figura central do monumento seria Venus, a immortal, deusa do Amor e da Perpetuidade. Porque és eterna, cidade feiticeira, e a eternidade, abaixo de Deus, só existe com o amor.

Rio... eu te amo... eu te amo...

LUCIANO

DOMINGO, NO JOCKEY CLUB

A manhã prenunciou um dia triste. Fria, plumbea, sem as côres de saúde das manhãs cariocas. Uma garôa fina, paulista, envolvia a cidade num *décor* de inverno. E a cidade parecia mal desperta de uma longa noite de vigilia.

Com o avanço das horas, a physionomia do tempo mudou pouco. Que pena! As corridas iriam perder a sua animação habitual...

Mas, não perderam. Pelo contrario, a ausencia do sol foi uma "attitude" do astro-rei: uma esquivança gentil para variar, na soberba paizagem scenographica do Jockey Club, os effeitos de luz...

As corridas marcaram, como sempre, um lindo acontecimento social.

As figuras mais representativas do *grand monde* lá estiveram. E o Jockey foi uma scintillação dos mais bellos sorrisos do Rio.

* * *

Numa roda, entre dois pareos animados, ouvimos este dialogo:

— "Recordação de Buenos-Aires?
— Não; de Montevidéo.
— Grande?
— Sim.
— Gosta assim das uruguayas?
— Gosto das brasileiras, mesmo quando residentes em Montevidéo..."

Um vendedor de *poules* interrompeu o dialogo.

Nas archibancadas, as mais bonitas moças do Rio sorriam a tudo, descuidadas e felizes...

* * *

O Jockey Club reune, aos domingos, a aristocracia carioca. Num grupo de diplomatas, as sras. Rosalina Coelho Lisbôa Miller, Maria Eugenia Celso, Iracema Guimarães Villela e Anna Amelia Carneiro de Mendonça, fulgurantes; e a notavel pianista, sra. Maria Antonia, recem-chegada de Paris. E mais as senhoras Carlos Guinle, Linneu de Paula Machado, Carlos Sylla, Oswaldo Aranha, Adhemar de Faria, Herbert Mosss, Souza Leão, Rubens de Mello, La Saigne etc. As senhoritas Lourdes Nelson Machado e Elza Pacheco conversavam animadamente com a senhora Bertha Pinto de Moraes, elegantissimas todas. E os grupos se multiplicavam harmoniosos e encantadores. Conceição e Maria Adelmar Tavares, Maria Alzira Pontes de Miranda, Maria Helena Nelson Pinto pareciam ensinar a sorrir...

* * *

Na verdade, a ausencia do sol fôra, apenas, uma attitude... Até o ar se avelludou como num reconto de fadas, á meia luz carinhosa da tarde, que se desfolhou, como uma rosa...

EXPOSIÇÃO PORTINARI

A mostra de arte de Candido Portinari, no Palace Hotel, attrahiu, no sabbado ultimo da sua inauguração, um numeroso circulo social.

As embaixatrizes da Italia e do Mexico, respectivamente, senhoras Alfonso Reyes e Roberto Cantalupo, prestigiaram o acontecimento com as suas presenças. Muitos outros nomes das letras e da sociedade lá estiveram, destacando-se as senhoras Ophelia do Nascimento, Adriana e Josette Janacopulos, Eugenia Alvaro Moreyra, Beilah Latif, Rosalina Candido Mendes, Anna Luiza de Arruda Botelho, etc., etc.

Via-se, numa roda de poetas, a artista amazonense Iris Pereira, que vem de encerrar tambem, no Palace Hotel, a sua notavel exposição de motivos brasileiros. Iris Pereira dava suas impressões á pianista Anna Carolina, com as quaes os poetas presentes estavam, como é de presumir, inteiramente de accordo...

Maria Junqueira Schmidt é uma das mais authenticas expressões da intelligencia e da cultura da mulher brasileira contemporanea. Escriptora de merito e competente educadora, a distincta patricia foi, recentemente, nomeada directora da Escola de Commercio Amaro Cavalcante. Esse acto do illustre director geral da Instrucção Municipal, dr. Anisio Teixeira, teve a melhor repercussão nos circulos de ensino e nos meios intellectuaes e sociaes desta capital, de que d. Maria Schmidt é figura de prestigioso relevo.

A' SAHIDA DO THEATRO

— "Uma esmolinha pelo amor de Deus".

— . . . .

— "Deus lhe pague".

* * *

A peça tinha agradado. O theatro cheio. Uma peça differente. Autor novo? Theatro novo? Tudo novo.

E no curso deste maravilhoso inverno, o carioca teve assim uma hora, que só existe lá fóra, ou quando aqui vêm artistas de fóra: a hora da gente sahir do theatro, dizendo que gostou.

* * *

A' porta do Casino, dizia-se:

— "Deus lhe pague". Até parece uma peça franceza, vertida para o portuguez... E que pena que não fôsse escripta em francez...

* * *

Um desfile de senhoras elegantes coalhou o passeio do Casino. Fronteiriça, a praça Paris sorria um luminoso sorriso civilizado. *Et pour cause*...

Ouvi o nome do autor — Joracy Camargo e o do actor — Procopio, repetidos com enthusiasmo.

A noite estava fria. 15 gráos. O Rio é friorento. No passeio, os grupos começavam a dispersar-se. Agazalhos. *Fourrures*. E o morno interior das *limousines* caras...

CASAS DE CHA'

— "COMBINADO. A's 5, na *Lallet*".

— "Espera-me á hora do costume. Iremos hoje á Colombo, em cima".

— "Na *Americana*, está feito".

— "Oh! não! Vamos hoje a um *cocktail* na *Paschoal*"...

.. ..

Um indiscreto ouviria, se quizesse, todos os dias, estas combinações. O encontro da tarde para um dedo de prosa, entre duas torradas e vagas espectativas, tornou-se um delicioso habito carioca. E ninguem foge aos habitos, maxime quando são assim deliciosos.

* * *

Quintas e sabbados são, convencionalmente, os dias elegantes da semana. As senhoras os escolhem de preferencia a qualquer outro, quando escolhem. Porque, em regra, a elegancia vem dellas e até as sextas-feiras passam a ser elegantissimas, quando ellas querem... Mas, em verdade, a convenção existe.

As quintas-feiras são mais bonitas; os sabbados são mais attrahentes.

* * *

Quinta-feira, na *Lallet*:

A illustre declamadora argentina, sra. Juanita Neuschwang; senhora Carlos Veiga Lima, a senhora Diniz Junior; a artista polonesa, sra. Adelina Korytko; as senhoras Aureliano Amaral e Peregrino Junior, entre tantas outras illustres damas e artistas.

Hoje, sabbado, não faltaremos. A lista vindoura será completa...

LYRISMO: — A mais bella poesia flúe do manancial de ternura, que os homens têm escondido no fundo do coração. Poesia que transporte a gente á atmosphera das almas sensiveis, nasce do jardim interior, onde desabotôa a florada das emoções. Essa poesia é de sentimento universal. Fala em todas as linguas. Tem o condão de enternecer.

Pensava assim, quando acabei de ouvir do meu amigo Fouad Karam, vertidos para o portuguez, alguns poemas arabes.

Um alto lyrismo repassa a alma dessa velha e deliciosa poesia, tão cheia de encantos suaves e de symbolos communicativos.

Os poetas lyricos são os mais raros. A poesia arabe, entretanto, parece tecida de fios amorosos, colorida de tintas sentimentaes, com a resonancia idyllica de ternuras permutadas.

O meu amigo citou-me o exemplo de dois poetas de sua terra. Um, antiquissimo — Antar; outro, moderno — Bichara Khury.

O motivo commum: um poema aos olhos, a esses enigmaticos e profundos olhos arabes, que dão o sentido das noites estrelladas do deserto: lindas, mas perigosas...

A synthese lyrica de Antar realiza este milagre de belleza:

"Eu não tenho medo da morte. Tenho medo de que os teus olhos soffram, chorando por mim."

O poeta moderno cantou: "Não me impressiona a perda da vista, nem que me maltratem os olhos. Impressionaria se os tivesse e não fôssem para ver..."

Nesses poemas, á maneira breve dos cantores orientaes, a linguagem universal do amor penetra-nos de um sentimento, que dá á gente uma vontade louca de transportar-se com a bem-amada para um pouso do deserto, alimentando-se de tamaras e de beijos.

Essa poesia culmina, ás vezes, em imagens maravilhosas.

O assumpto de um poema de amor pode assim ser resumido: Interpellado pela eleita do seu coração, a proposito de sua crueldade na luta, um guerreiro explica-lhe que, ao ver a lamina da espada, tinta do sangue do inimigo, cortou o espaço fulgurante — ella parecia contemplar o sorriso da sua querida, num verdadeiro milagre da imaginação allucinada. Até o sangue parecia verter do carmim dos seus labios...

Amor! A poesia é a mais linda fórma de revelação. São della as tuas azas. A tua illuminação. A gloria da tua eternidade...

LUCIANO

O embaixador Juan Carlos Blanco, do Uruguay, e sua exma. senhora deram, no ultimo sabbado, no Hotel Gloria, uma recepção em honra das autoridades brasileiras, do corpo diplomatico e da sociedade carioca, a primeira, aliás, que o illustre casal offerece depois que aqui chegou. O nosso «cliché» focaliza um grupo de convidados do embaixador e da embaixatriz do Uruguay durante a elegante festa diplomatica do sabbado passado.

UMA BRILHANTE FIGURA DA REVOLUÇÃO

A data natalicia do dr. Salgado Filho, ministro do Trabalho, mereceu ensejo aos amigos do illustre titular para uma grande e expressiva homenagem a s. ex. — o almoço que se realizou sabbado ultimo, no Beira-Mar Casino. Fazendo esse registro, vem a proposito relembrar, em traços rapidos, o que tem sido a brilhante trajectoria do eminente jurista brasileiro. Poucos homens, na verdade, se poderão orgulhar de uma ascenção como a de s. ex., no scenario da politica nacional. Advogado de grande nomeada, achava-se s. ex. entregue aos seus trabalhos juridicos, precisamente quando os homens da revolução foram pedir-lhe a sua collaboração valiosa, trazendo-o para a policia civil. Posto á frente da quarta delegacia, naquella época divorciada da opinião publica, — em breve s. ex. promoveu, com o tacto de um verdadeiro diplomata, a reconciliação de ambas, para, logo depois, ser elevado á suprema chefia da policia, onde permaneceu, interinamente, por algum tempo. Daquelle departamento policial, foi o dr. Salgado Filho substituir o sr. Lindolfo Collor, no Ministerio do Trabalho. Ahi, a despeito de não ser politico, e unicamente pelas suas qualidades pessoaes, — que delle fazem um valor real e inconteste — vem realizando uma obra de destacado equilibrio politico-social. Por todas essas razões, os seus admiradores e amigos resolveram, na sua data natalicia, prestar-lhe uma justa homenagem, offerecendo-lhe um almoço, no Beira-Mar Casino.

A TORTURA DO CIUME

por Gilberto Veiga

Illust. de Edgard

A vida de Leopoldo Soares era um carrilhão de dobre enervantemente compassado, igual, quasi monótono. Raro em raro, uma variante. Um quasi nada comparado á uniformidade das suas horas, dos seus dias, dos seus annos.

Leopoldo era ainda moço. Trinta e oito janeiros haviam-se escoado pela existencia em fóra. Desde os dezoito que trabalhava para viver. Nascido e creado num meio onde a instrucção é ainda falha, não pudéra instruir-se ou cultivar-se, para complemento de sua intelligencia privilegiada. Suppria, porém, essa falta, com a apurada argúcia e o muito lêr, o que o tornou, sinão um grande conhecedor das coisas, um profundo observador.

Era solteiro. Uma única vez na sua vida pensára em casar-se. Evitára o *passo errado*, como dizia, em tempo. A creatura que elle escolhêra para esposa fôra encontrada, certa noite de lua, sob a penumbra de um tendal de rosas, em palestra demasiado *intima* com outro rapaz. Dahi para cá fechou os olhos e os ouvidos ás figurinhas casadoiras que se atravessavam no seu caminho e ás suas palavras ternas de amôr. Intimamente, achava que toda mulher, por mais bonita ou mais educada, não valia o sacrificio de um homem, pelo matrimonio. O seu raciocinio era bem pouco lisonjeiro a respeito do casamento. "Uma vida unida a outra vida, para todo o sempre, na obrigatoriedade de um amparo mutuo e de uma mutua estima, ás vezes reciprocamente repulsiva, representando, por dever e por honra, perante a sociedade, a comedia da hypocrisia e da falsa felicidade." Isso quando não pensava no lado moral da questão. "Que ha de ser de um homem de brio que tem a desgraça de unir-se a uma mulher sem virtude?!" E, com taes pensamentos e conclusões, ingressou, resolutamente, no celibato.

Soares trabalhava numa companhia ingleza, obedecendo ao horario da mesma com uma pontualidade surprehendente. Para elle o bonde não parava por falta de energia e o *omnibus* nunca atrazava. Methodizado em tudo. Desde as obrigações do serviço aos minimos detalhes de sua vida particular. Com taes predicados, e ainda grandemente economico, Leopoldo não podia deixar de viver com certa independencia financeira. Tinha, mesmo, reservas num banco. Suas distracções, além de raras, eram de pouco dispendio: um theatro ou um passeio, de vez em vez, e era tudo. Tendo por companheiro de quarto o Anisio Telles, seu collega e melhor amigo, um rapaz de vinte e sete annos, dado ás festas, aos *cabarets*, tivéra a força de vontade precisa para não se deixar arrastar pelo gosto ás mundanices. Por vezes, Anisio dizia-lhe, entre uma palestra e um cigarro, em tom de ligeira censura:

— E's o typo perfeito e acabado do esquisitão! Por mais que a gente procure comprehender-te, acaba, sempre, ficando á superficie do teu gosto, das tuas idéas. As mulheres pouco te seduzem. As festas, nada. Os theatros que buscas representam sempre espectaculos duros como a propria vida, cheios de cantos longos e difficeis e dialogos massantes e interminaveis. Nunca assistes á representação de uma peça brejeira, onde ha *girls* de pernas núas e carinhas pintadas. Teus passeios são a logares ermos, cheios de monotonia, de sombras. Por que diabo estragas tanto os dias de tua vida?...

Leopoldo ouvia a arenga do amigo e, após, dando de hombros, retrucava, com certa amargura na voz:

— Não me pódes comprehender de facto. Sou um enigma a decifrar. A's vezes, eu proprio não alcanço o fundo do meu temperamento. Por maior raciocinio que empregue para entender-me e por maior que seja a justificativa dada por mim mesmo ao meu espirito sempre propenso á paz, ao socêgo, á mansuetude das coisas, fico a estranhar as minhas preferencias e os meus habitos, por vezes, esquisitos e inexplicaveis. Tenho, confesso, envidado esforços para conseguir um pouco de alegria para a minha vida, de luz para o meu espirito. Mas quanto maior é o esforço feito em pról da alegria, maior é a reação da tristeza. Dir-se-ia que dentro de mim se opéra um choque das duas forças, sendo que a corrente do lado sombrio é mais forte, mais poderosa.

— Volve teus olhos para as mulheres e teus pensamentos para a sua fascinação. Ellas tudo modificam. Têm, nas mãos, o filtro mágico da felicidade e o condão que lhes facultam transformar, mudar, impôr. Experimenta essa nova fonte de transformação e, estou certo, dentro de alguns mezes, sinão de dias, serás outro. Verás, surprezo, que a tua alma cria os guizos da alegria

e teu coração sente desejos de expandir-se, de brincar, de gozar o lado bom da existencia.

— Dás, meu caro, ás mulheres, qualidades e poderes que ellas não possúem. A transformação que se opera, no homem que se diz apaixonado ou amante, por via de regra vem, não da mulher, mas do proprio "eu" obsecado e dominado pelos encantos da creatura querida ou desejada. Vem, incontestavelmente, do egoismo de ser amado. O homem, o mais fatuo, o mais presumpçoso, o mais tolo de todos os animaes, ao presentir ser alvo do affecto desta ou daquella filha de Eva, enfeita-se com as pennas alheias, como a gralha da fabula com a roupagem bonita do pavão. E desdobra-se em solicitudes, transfórma, apparentemente, a bohemia do seu espirito e da sua carne num recato intempestivo, mudando, emfim, de habitos e preferencias. Si é rico, cobre a creatura amada de perolas e brilhantes. Não porque ella, no fundo, lhe mereça tão elevado apreço. Mas, para dar ao publico o attestado da sua liberalidade e a ostentação do seu poderio, do seu fausto.

"Entre os irracionaes o amôr é uma permuta espontanea, onde os casaes mutuamente se procuram e se completam. E, parece, no reino dos bichos não existe essa fatuidade que impéra entre nós. Repara, por exemplo, num homem feio que leva, rua em fóra, pelo braço, uma mulher bonita. Elle olha para todos os lados. Ou para demonstrar que teve *gosto*, ou, desconfiado dos seus pobres meritos physicos, temendo uma concorrencia desigual... Em breve, porém, o que o coração conseguiu erguer como uma mudança, quero dizer, a transformação que se operou ficticiamente no individuo, advinda do fetichismo natural da mulher querida, o tempo ruirá como esfrangalha tudo, na vida. Vem, consequentemente, o fastio, o desencanto, o enervamento. E o *homem* *regenerado*, ou *transformado*, volta se para os antigos habitos, na ansia de novas sensações, de novos gozos, ou busca, como no meu caso, a quietude de outrora. A mulher passa, então, para o ról, para o plano dos objectos caros, de luxo. Continúa, porém, a ostentar as mesmas joias e a mesma apparente felicidade. Mas, desgraçada e irremediavelmente, nos espiritos afastados pela desillusão e pelo aborrecimento, a tragédia intima permanece..."

Anisio sentia-se impotente para o combate a taes argumentos. Elles eram demasiado convincentes para objecção. Deixava, pois, o amigo com a sua *esquisitice*, e ia vivendo a vida a seu modo, ao seu bel prazer.

"Um caso perdido!" — dizia de si para si, após tentar, baldadamente, o ingresso do amigo á sociabilidade.

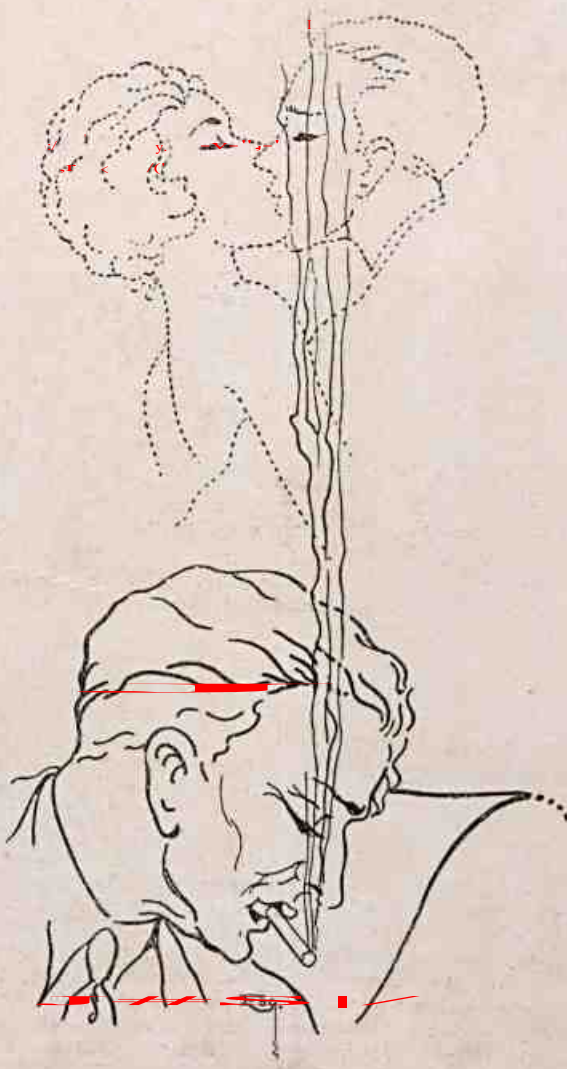
Mas, como tudo que palpita tem fim, e a natureza que rége as féras e as plantas é a mesma que governa os homens e as estrellas, Leopoldo Soares baqueou ante essa força immutavel e grande.

Elle, que resistiu a todas as mulheres bonitas e apparentemente honestas; que ouviu todas as palavras de amôr sem se inflammar; que passou indifferente por todos os centros mundanos de diversões, por todos os *cabarets* luxuosos, sem sentir a attracção do vicio e sem se deixar levar pelo deboche, viu-se impellido para uma mulher que, não sendo feia, estava muito aquem da belleza.

Além disso, Virginia, — assim se chamava a creatura que conseguira entrar no coração deserto de Leopoldo, — tinha o gravissimo defeito de, sendo casada, não ser honesta.

A historia dos dois é simples, mas expressiva. Começou num *omnibus* e acabou numa *garçonnière*.

Leopoldo, nos primeiros dias da sua conquista facil sentiu, de facto, os guizos da alegria, citados, muitas vezes, pelo amigo. Ria para si mesmo e, ao mirar-se ao espelho de barbear, achava-se mais moço, mais escorreito. Era a felicidade, emfim. Tardia, é verdade. Mas, por isso mesmo, uma felicidade m a i o r, mais forte, mais vivificante. Elle nunca fôra feliz. Puzéra, sempre, a ventura á margem da sua vida, como uma coisa inaccessivel. Quando ella chegou, pois, não só trazia o sabor da novidade, do desconhecido, mas tambem uma sensação de bem estar, de alegria pela vida, de amôr pelo sol ou pela chamma tenue de um phosphoro. A felicidade abriu, com chave de ouro, as portas da sua vida e do seu encantamento.

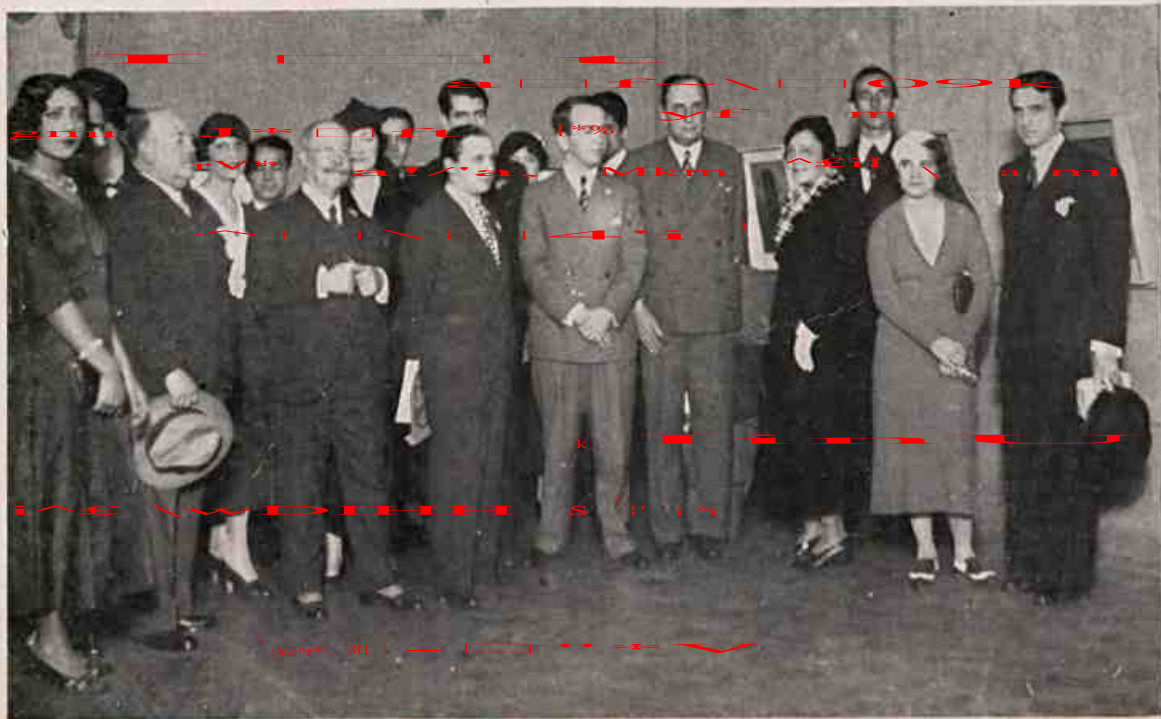
Os mezes iam desfilando rapido para a alegria immensa de Leopoldo. E, um dia, sem que elle menos o esperasse, o ciume ruflou suas azas malignas de encontro aos vidros espelhantes das janellas de seu espirito. Veiu como um tufão: destruindo tudo. E elle, coitado!, desprevenido e incauto, deu guarida a esse monstro voraz e impiedoso. Assistiu, com lagrimas nos olhos e soluços na garganta, á morte do riso que lhe afagava os labios. Voltára a ser taciturno, macambuzio, accrescido, agora, de consideravel neurasthenia. Na vida real pensava unicamente na mulher da sua desvairada paixão. Dormindo, tinha pesadelos enormes. E, no desfilar dos sonhos angustiosos, Virginia lhe surgia sempre, sempre, não carinhosa e terna como no ultimo encontro, mas, desdenhosa e fria, pelo braço de outro homem, do seu marido,

(*Cont. na pag. seguinte*)

do seu senhor. Outras vezes via-a, estirada num leito coberto de rendas e sêda, quasi desnuda, os olhos semi-cerrados pelas caricias que não eram as suas... E acordava nervoso, inquieto, suando frio, com acceleradas palpitações e dôres horriveis na cabeça.

Como, trivialmente, ao encontrar-se com a amante, não falava de outra coisa além do seu ciume barbaro e amargo, Virginia, voluvel por indole, acabou por enfastiar-se daquelle amôr choramingas, daquelle amôr de queixas e censuras. E abandonou-o. Leopoldo, porém, que fôra um fraco em face de um sentimento mesquinho, fôra um forte na adversidade amorosa. Não matou, fugindo á regra funesta, nem se matou. Mas, morreu, de uma vez, para a vida interior. Continuava a trabalhar. Como uma machina, como uma mola que obedece ao impulso da sua propria engrenagem. Elle, que quasi não fumava, fuma, hoje, por dia, quarenta cigarros. E' o seu unico allivio, seu unico consôlo.

Senhora Leonor de Souza Santos, esposa do industrial Carlos A. dos Santos e distincta figura da nossa sociedade.

Todas as noites, Anisio, ao voltar, altas e perdidas horas, encontra-o estirado num divan, os olhos sêccos e brilhantes pregados ao tecto, a bôca ligeiramente contorcida por um esgar de desespero, e o inseparavel cigarro a consumir-se, lento, entre os dedos esqualidos.

Leopoldo emmagrecêra assustadôramente. Suas faces perderam, de todo e de uma vez, o pouco sangue que as coloria. Debalde o amigo e companheiro insiste para que elle procure um medico, tome um remedio para debellar a tosse terrivel que lhe sacode, continuamente, o arcabouço. Quasi não come. Ninguem o vê dormindo. Elle mesmo evita esse mergulho ao esquecimento, porque irá, ao contrario dos homens normaes, viver uma vida de agitação e de angústias. Não parece viver. E, si vive, ninguem o sabe. Viverá, talvez, para a sua saudade e para a recordação da grande ventura que passou, um dia, pela sua alma deserta, enchendo-a de visões de luz e de canticos seraphicos, para matar, depois, todas as possibilidades de outras pequenas felicidades...

No salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace-Hotel, inaugurou-se sabbado á tarde a exposição de Candido Portinari, pintor laureado pela Escola Nacional de Bellas Artes e figura de grande prestigio nos meios artisticos desta capital. Estavam presentes autoridades brasileiras, diplomatas e outras pessôas gradas, além de artistas, escriptores e jornalistas.

Trepações

A preoccupação do ineffavel galantuomo é falar difficil. Se o destino o tivesse feito um homem de letras, o seu estylo seria uma obra-prima de arrevesamento e de pompa. Não nasceu poeta, mas nasceu galanteador, que é tambem uma fórma de ser sensivel á belleza... das mulheres. Como tal, o nosso heróe tem um *aplomb* magnifico. E' um enthusiasmo, verdadeiramente litterario, na sua arte pessoal de enternecer o coração das meigas filhas de Eva.

Ora, outro dia, numa casa de chá, o admiravel rival de Gongora e de John Guilbert não se conteve no silencio, a que o condemnava o isolamento da sua mesa. Olhou a vizinhança, fez um cumprimento cerimonioso, numa curvatura e, descobrindo, mais adeante, duas senhoras das suas relações, que costumam fazer o *footing* do Flamengo, á noite, dirigiu-se-lhes assim em voz muito alta:

— Separa-nos uma distancia de antipodas e o chá é a nossa stratosphera...

As senhoras sorriram discretamente. E o invencivel phraseólogo mastigou, ruidoso, uma torrada, como quem acabava de lançar a sua candidatura á Academia de Letras.

* * *

O telephone do consultorio tilintou. Solicito, o amigo do elegante esculapio attendeu, na ausencia deste. Cruzaram-se no fio indiscreto as vozes do dialogo imprevisto. O amigo é um gentilhomem. E animou a conversa, com a arte subtil de que é mestre. No outro dia, á mesma hora, falaram-se os dois. O medico continuou ausente. E já agora a ligação telephonica é feita para outro numero, sem que o joven esculapio possa explicar o silencio esquisito do seu *flirt*...

O menino Sydney, filhinho do tenente Marcos Jordão Reginato, (actualmente servindo nas forças em operações no Estado do Amazonas), e de sua exma. esposa d. Selene Correia Reginato.

* * *

6 horas da tarde. Da tarde, não; da noite, que, no inverno anoitece antes das 6. Uma rica *limousine* está parada no canto do bello jardim publico. Lá dentro um parzinho amoroso arrulha caricias, indifferentes ao mundo cá fóra. E na noite prematura, daquella ultima quinta-feira, começou a ser escripto mais um romance de amôr, cujo preludio sentimental floresceu dentro da *limousine*, no canto discreto do jardim, protegido pelas sombras da noite deste maravilhoso inverno carioca.

* * *

UMA coincidencia notavel. Todos os sabbados elles se encontram no theatro. Ora no Casino, ora no João Caetano; ás vezes, no Recreio. Até parece combinado. E sempre nas segundas sessões... Outro dia, a graciosa patricia resolveu ir ao Alhambra. Seu gentil esposo relutou. Ir num sabbado a um cinema e ás 8 horas da noite! Era quebrar um habito velho por duas fórmas. Nem a hora condizia, nem o espectaculo. Mas, a encantadora figurinha de *biscuit* bateu o seu mimoso pézinho e lá se foi o casal ver um *film* de brutos, em plena selva.

Só numa cousa o habito não foi quebrado. Precisamente na coincidencia da presença tambem naquelle cinema do mesmo frequentador de theatro, cujo gosto afina com as preferencias de madame...

Quando apparecerá o philosopho subtil da apparente regularidade desses encontros casuaes?

Francisco e Guilherme, os dois interessantes filhinhos do casal Guilherme Capistrano-d. Araminthe Campeã Capistrano, numa «pôse» de gente grande...

ESTA' na moda o *flirt* através de correspondencia. Os namorados não se conhecem, mas se namoram. E' o que vae acontecendo com a ingenua adolescencia de uma das almas femininas mais encantadoras desta lyrica cidade de S. Sebastião.

Diariamente, ella derrama todo o perfume do seu amôr numa longa carta, cheia de promessas, que estão a endoidecer a cabeça do seu destinatario. Este, que é um homem sensivel, de temperamento impressionavel, já não sabe o que fazer. Examina o papel, o sello, o carimbo postal. E cada dia mais indecifravel se torna para elle aquelle mysterio sentimental. A principio, essa correspondencia pareceu-lhe um passatempo divertido. Mas, pouco a pouco, foi augmentando o calor das palavras até se transformar numa ardente paixão. Ignorará a formosa adolescente a loucura desse amôr, que as suas cartas inspiraram, ou estará ella tambem se consumindo nas chammas desse incendio romantico? E' o que resta apurar a bisbilhotice de um *tertius*, a quem devemos a indiscreção desta descoberta...

UMA PAGINA DE "INQUIETAÇÃO"

Um novo volume de versos de Osorio Dutra encabeça o cartaz dos successos de livraria desta semana. A musa faustosa e rica do poeta magnifico de Céo Tropical e Castellos de Marfim offeria, dadivosamente, uma nova festa de belleza e de rythmos ao "cercle" espiritual dos seus immensos admiradores. E' os poemas de Inquietação — o livro do dia que estamos a annunciar — a esta hora já devem estar fazendo o encanto e a delicia dos que primeiro os adquiriram.

Osorio Dutra é uma das maiores e das mais authenticas figuras da poesia brasileira contemporânea. Sua arte trabalhada, estilizada, raffinée é toda um rythmo de exaltação interior. Tem coloridos, ás vezes, bizarros, exoticos, mas é sempre admiravelmente harmonica e bem proporcionada. Sob o nosso céo tropical, sob os céos europeus ou sob os céos orientaes — onde quer que o poeta tenha vivido e cantado — as expansões do seu lyrismo são sempre largas, espontâneas e correntias como agua cantante de fonte.

MEU AMOR

Meu amor tem doçuras de velludo
E arrepios de lubricas serpentes:
Apaixona-se e exalta-se por tudo,
Mas canta como os corregos plangentes.

Meu amor tem mollezas esquisitas
E caricias de plumas vaporosas:
Enfeita-se de rendas e de fitas,
Perfuma-se de anemenas e rosas.

Meu amor tem maciezas de damasco
E explosões de relampagos bravios:
Levanta-se, brutal, como um penhasco,
Desata-se em profundos amavios.

Meu amor tem caprichos e loucuras,
Que eu mesmo não comsigo comprehender:
Sorri das suas proprias amarguras,
Soluça de alegria e de prazer.

Meu amor se transforma como o vento.
Raramente traduz o seu desejo...
Vive para a vertigem de um momento,
Para o sonho romantico de um beijo.

Meu amor tem felinas indolencias
E irritantes impulsos e furores:
E' feito de perdões e de violencias,
Num contraste de lagrimas e flores.

Meu amor tem colleios de mantilha,
Mysterios de innocencia e de peccado;
E ora se glorifica, e ora se humilha,
No seu ruflo de passaro estourado.

Meu amor tem carinhos de creança
E malicias de satyro perverso...
Meu amor se reflecte á semelhança
Da volubilidade do meu verso.

FESTAS DE JUNHO

Mez de alegria e de lendas christãs, Junho começou e terminou entre festas e sorrisos. Seus santos fizeram milhares de encantamento em nossos salões de sociedade elegante. Nesta pagina, ha flagrantes da «soirée» regional levada a effeito no Club de São Christovão pelo Grupo dos Guanabarenses, filiado ao Centro Carioca.

O illustre aviador argentino tenente Juan Garramendy, que veiu ao Brasil retribuir a recente visita dos seus collegas brasileiros ao paiz vizinho e amigo, recebeu, aqui, entre outras homenagens, a dos nossos aviadores militares, os quaes offereceram, áquelle official da quinta arma, um almoço, realizado no Palace Hotel, sexta-feira da semana passada. Tomaram parte no ágape, além do homenageado e dos offertantes, o embaixador Mora y Araújo e altas patentes do Exercito. O «clichê» de cima focaliza um grupo das pessôas que almoçaram com o aviador Garramendy.

Commemorando mais um anniversario de sua fundação — o 104.º — a Academia Nacional de Medicina, que congrega, em seu seio, as mais altas figuras da sciencia medica brasileira, promoveu, na noite de 30 de junho passado, sexta-feira penultima, uma brilhante solennidade, realizada sob a presidencia do professor Miguel Couto, presidente daquella instituição scientifica. E' um grupo dos academicos presentes á festa de sexta-feira penultima o que focaliza o «clichê» de baixo, onde se vê, ao centro, o professor Miguel Couto.

FLORIANO PEIXOTO

A data do fallecimento do marechal Floriano Peixoto, que ha trinta e oito annos deixou de existir, foi, na penultima quinta-feira, tocantemente commemorada no Grupo Escolar Floriano Peixoto, onde se realizou, na manhã daquelle dia, expressiva solennidade civica. Nessa occasião, foi entregue o premio «Floriano Peixoto» — uma medalha de ouro offerecida pelo Gremio que tem o nome do «Marechal de Ferro» — á alumna Astréa de Oliveira Choubasc dos Santos, que ahi apparece, ao lado de dois aspectos da festa.

* * *

FILIGRANAS

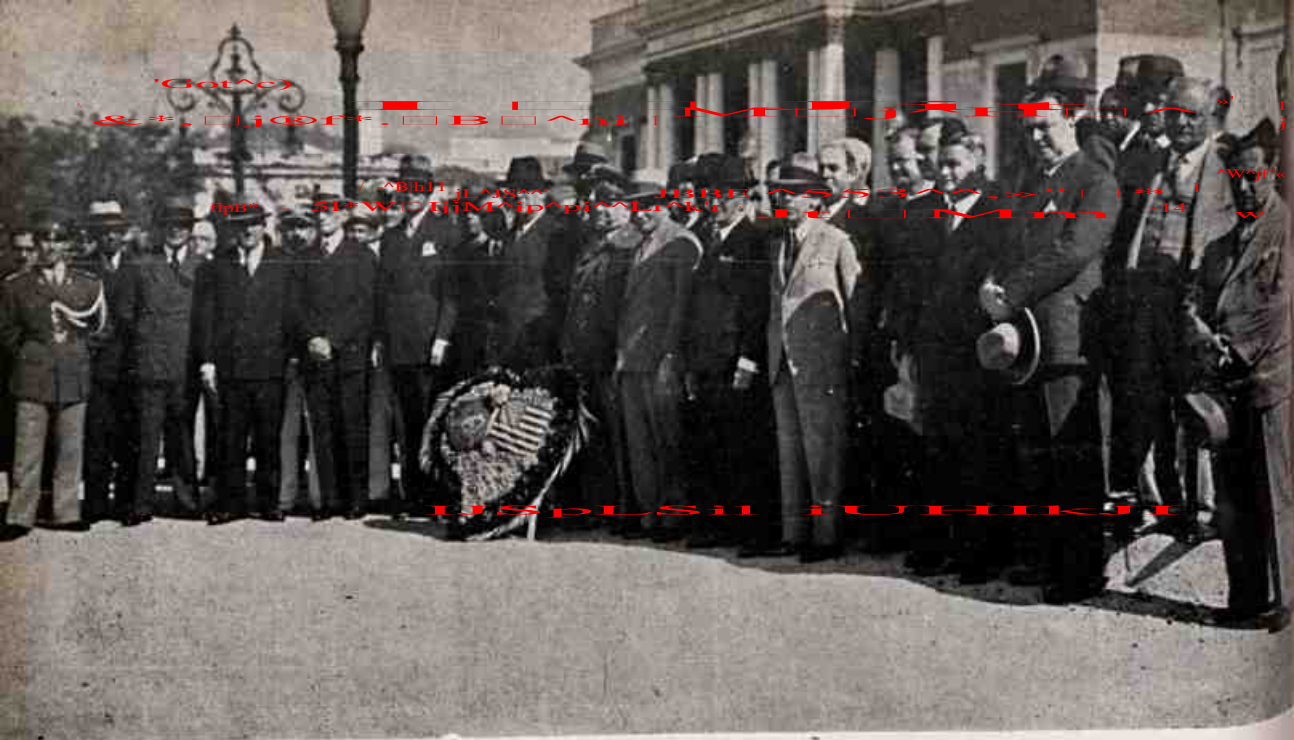
A lingua chineza, de origem desconhecida, é monosyllabica. Seus monosyllabos permanecem sempre invariaveis, não se conjugando nem declinando, indicando-se suas relações por sua collaboração na phrase.

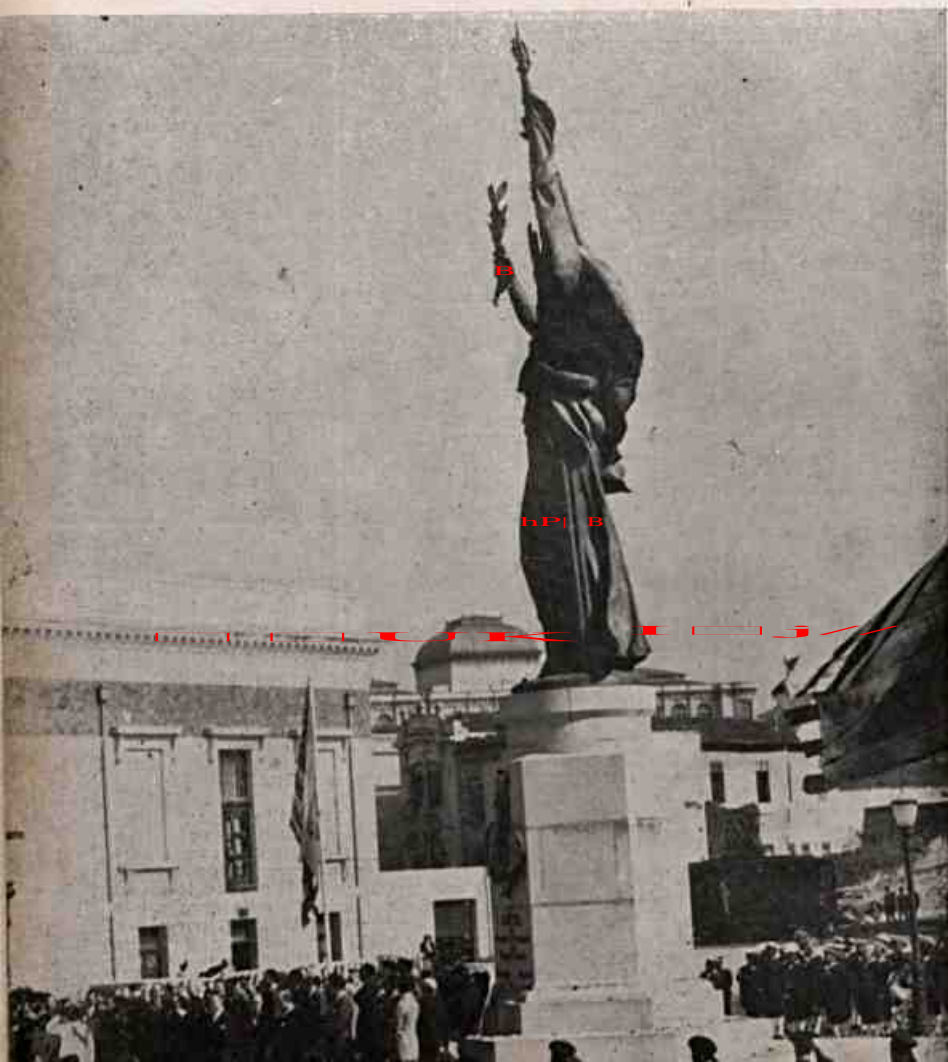
Na escripta, cada qual tem sua fórma particular, sem signal proprio. Este signal constitúe-se de dois elementos o primeiro lembra a fórma dos hieroglyphos egypcios, porque é ideographico, isto é, representa a idéa por meio dum desenho que a ella corresponde. O segundo, que se lhe agrega sempre, é phonetico, isto é, exprime um som. Existe muito menor quantidade de caracteres ideographicos de que de phoneticos.

Os chinezes tambem formam palavras differentes, segundo a maneira como pronunciam as syllabas.

* * *

UM ESTADISTA DA AMERICA

O grande estadista sul-americano Hippolito Irigoyen, ex-presidente da Republica Argentina e figura de relêvo na politica do continente, cujo fallecimento toda a imprensa já noticiou, fixando-lhe a personalidade e a actuação na vida publica de seu paiz. Hippolito Irigoyen morre octogenario, legando á posteridade uma obra capaz de conservar sempre vivo o culto de seu nome, por todos os titulos digno da admiração e do respeito de seus concidadãos e, ainda, das homenagens tributadas á memoria de um dos maiores estadistas da America do Sul.

«INDEPENDENCE DAY»

Por iniciativa do Centro Carioca, realizou-se na manhã de terça-feira, 4 do corente, expressiva commemoração da data da independencia norte-americana, junto á Estatua da Amizade, na avenida das Nações, onde se reuniram, numa justa homenagem á grande Republica dos Estados Unidos da America do Norte e a seu illustre presidente Franklin Roosevelt, apostolo da paz universal, altas autoridades brasileiras, membros do corpo diplomatico, intellectuaes e muitas outras pessôas gradas. Foi orador da brilhante solennidade civica o professor Fernando de Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, que exaltou, na sua oração, a fraternidade universal propugnada pelo presidente Roosevelt.

DA RECOMPENSA

Por mais que nos esforcemos por acertar, nunca nos julgamos convenientemente recompensados. Raros são os que se conformam.

Nos prazeres espirituaes encontra-se, ás vezes, a synthese do que é bom.

A recompensa, dizem os moralistas, apparece com a consciencia do bem que se pratica. Talvez a razão esteja com elles.

Si o soffrimento póde ser a preparação para melhores dias, é natural que a recompensa não tardará.

O tempo e o esquecimento são a verdadeira recompensa que se póde desejar.

ALEXANDRE PASSOS

SENHORITAS DE UNIFORME

Producção da «VANDOR-FILM», com DOROTHEA WIECK — EMILIA UNDA — HERTA THIELE — ELLEN SCHWANNECKE.

NAQUELLA cidade da Allemanha do Norte a vida no internato para meninas era a de um verdadeiro quartel. Tal a disciplina férrea alli mantida. Entretanto, havia uma das instructoras que comprehendia o systema de educar de uma outra maneira. Mlle. de Bernburg era bôa e carinhosa para as pensionistas e, por isso mesmo, tinha uma ascendencia muito forte sobre ellas. Entretanto, dizia-se que as demais instructoras e principalmente a directora do estabelecimento, nas reuniões das professoras, commentavam e exprobavam essa maneira de proceder e, mais que qualquer outra, mlle. Von Kesten, uma verdadeira espiã da directora.

Manuela de Nenhardis, uma pobre orphã de pae e mãe, foi levada para esse

instituto por sua tia. Cumulada com mimos pelos paes, Manuela não era realmente muito amiga dos estudos e da disciplina e dahi se encontrar em um meio antagonico. Por isso mesmo, sentiu logo a doce influencia de mlle. de Bernburg. E esta tambem se sentiu presa á joven, talvez na piedade de vel-a tão só no mundo. E dias se seguiram em que até na reunião da Congregação se discutia a personalidade de Manuela, e muito mais a maneira de agir da instructora para com ella.

Um dia — o de anniversario da directora — houve festa no collegio. Entre outros folguedos especiaes, havia uma representação de uma peça de Schiller. Manuela, então, revelou o seu talento artistico, pois que melhor desempenhou o seu papel que qualquer outra. Acclamaram-n'a as jovens, que, aliás, se tornaram todas suas amigas, pelo seu espirito jovial e camarada. Seguiu-se um pequeno banquete, e Manuela, tomada de alegria, foi bebendo «punch», que lhe davam as companheiras, de sua porção, por não gostarem da bebida. E ella se embriagou. E foi nesse estado que, alteando a voz, cantou o seu agradecimento a mlle. de Bernburg, contou ás collegas que a professora até lhe déra camisas novas, em substituição ás rasgadas que possuia... E gritou a sua alegria por ella, ao mesmo tempo que criticava a directora e a instructora espiã.

Enorme foi o escandalo naquelle meio. Manuela teve de ficar presa em seu

(Continúa na pag. 43)

O CRIME DO SE'CULO

(THE CRIME OF THE CENTURY) DA PARAMOUNT

CERTA manhã, a delegacia de policia é visitada por um psychiatra, o dr. Emile Brandt, que dirige aos commissarios de serviço este estranho e desusado pedido: "Queiram prender-me! Do contrario, vou commetter um crime! Mais do que isso: já comecei a praticál-o!"

A policia vê-se perplexa ante essa solicitação, pois não póde prender ninguém por um crime ainda não perpetrado. Retirado da sala da delegacia Dan McKee, um repórter abelhudo, que por acaso estava presente, o dr. Brandt refere aos agentes, com todas as minúcias, o crime que planejou. Um homem, sujeito ao seu poder hipnotico, vae trazer-lhe nessa noite avultada somma que subtrahiu do banco sob sua direcção, mas o facultativo não quer mais consummar o furto e receia, por outro lado, succumbir á tentação.

O agente Martin é despachado para a casa do medico afim de vigiál-o, devendo mais tarde seguir com igual destino o agente Riley. Uma sombra vae no encalço do agente e de Brandt até a casa deste: é McKee, que fareja coisas sensacionaes para o seu jornal e não quer perder a promissora pista.

Quando os trez chegam, Freda, que desposou em segundas nupcias Brandt, e Doris, uma filha que elle teve do seu primeiro matrimonio, estão ausentes. Os creados também sahiram. Mas não demora que Doris regresse inesperadamente, e logo após ella, Freda, que deixou á porta Gilberto Reid, o seu amante. Martin retira-se e as duas mulheres se envolvem numa discussão em que Doris accusa Freda, cujos esbanjamentos e extravagancias estão arrastando o medico á ruina.

O medico surprehende-se ao descobrir que Freda tinha conhecimento da idéa que elle concebera para matar o banqueiro, depois de o induzir a um furto de cem mil dollars. E não só sabia de tudo Freda: permittia que elle proseguisse nos seus preparativos para a realização do crime, ideado num momento de insensatez.

Justamente, momentos depois, cahido em transe, entra Philip Ames, que vem entregar ao dr. Brandt o dinheiro roubado. Intervem Riley, que testemunha a scena e se dispõe a levar preso Philip. Mas Brandt pede-lhe que não effectue a prisão, pois que, valendo-se da suggestão hipnotica, elle agora obrigará Philip a restituir a importancia furtada. Riley, desse modo tranquillizado, retira-se.

Dahi a pouco, o dr. Brandt descobre que sua esposa subtrahiu o dinheiro de que Philip era portador, mas torna a achál-o e o repõe no bolso do banqueiro, desacordado. E já se empenha em dar instrucções a Philip, suggestionando-o a que restitúa o que por seu mando roubou, quando as luzes se apagam de repente. Ouve-se na tréva a voz de Freda chamando: "Gilberto"!. Alguém segura a esposa de Brandt, mas ella consegue desvencilhar-se e alcançar o jardim da frente da casa, onde encontra McKee, o repórter. Os dois voltam á habitação e enfrentam a terrivel revelação: Philip foi assassinado e Brandt jaz no chão, inconsciente!

McKee telephona ao seu jornal e começa a reunir elementos para apurar a verdade, — um alfinete, um par de luvas, um botão. Elle impede que Freda cerre uma janella da vizinha. Riley acóde da delegacia, acompanhado por Martin, que se lhe

(Conclúe na pag. 44)

UM "METTEUR-EN-SCENE" BRASILEIRO NOS THEATROS DE PARIS

O nosso patricio Alberto Cavalcanti.

O Brasil é o paiz dos contrastes e o paiz mais engraçado que já se viu. Não tem nada, tendo tudo! Vivemos a gritar que nada temos, que na America se faz assim, na Europa assado, emquanto nós não fazemos nada! E, no entanto, não é preciso se ter viajado para se chegar á conclusão absurda de que é tudo nos faltar, porque, na realidade, em nada ficamos devendo ao mundo. Em materia de hygiene, nenhum paiz da Europa se nos compara; em politica somos iguaes ao povo mais civilizado que existe, com todas as subtilezas que caracterizam a profissão e o termo «politica». Em patriotismo, temos provas irrefutaveis do quanto elle é capaz entre nós. Os factos bem recentes o provam. Vivemos gritando que não temos literatura. Luc Durtain vae ao Brasil e volta hipnotizado pela cultura da nossa gente. Não temos poetas? Ronald de Carvalho vem a Paris e constitue uma surpreza para o francez mais culto, que hoje não hesita em citál-o como um dos talentos mais robustos da actualidade. As suas obras são traduzidas em todas as linguas. Emfim, só na arte scenica estamos aquem de todo mundo. Por falta de autores, actores e bons artistas? Não. Pelo descaso que tem havido, em todas as épocas, no Brasil, dos poderes officiaes em incentivar o theatro e a nossa arte, que vivem abandonados, atirados a um canto, á espera que os nossos maioraes comprehendam que é unicamente por ella, arte, que se avalia a cultura de um povo. Autores? Ahi estão Oduvaldo Vianna, Renato Vianna, Oscar Lopes, Benjamim Lima, Joracy Camargo e outros mais para documentarem que podemos apresentar obras theatraes de real valor. E quantos outros cheios de possibilidades e talento não apparecem devido á deficiencia do meio? Actores? Froes, Procopio (que hoje é o expoente), Durães, Attila de Moraes, Italia Fausta, Lucilia Peres, Apolonia Pinto, etc., nada ficam devendo aos expoentes modernos do melhor theatro mundial. Mas todo esse admiravel elemento o que representa deante de um paiz com quasi 45 milhões de habitantes? Nada. A iniciativa particular é que nol-o tem dado e a sua capacidade é pequena entre nós para inspirar a confiança necessaria á creação de novos elementos, o que não succederia si o governo tomasse a si a iniciativa de fundar o nosso theatro official. E o resultado é que aquelles que persistem em realizar um ideal de arte (quantos, cheios de valor, não baquearam em meio da jornada!) são obrigados a procurar longe do Brasil o ambiente propicio á creação e á realização. Os exemplos são innumeros e em todos os raios da actividade humana. Em um dos ultimos numeros do FON-FON relatei uma entrevista que tivéra com o grande Sacha Guitry. Ha dias, no «Variétés», dizia-me elle: «Mas os senhores têm aqui um «metteur-en-scene» admiravel, um rapaz de valor, descoberto pela Falconetti: o Cavalcanti.»

(Conclue na pag. 43).

Mauricet, famoso «chansonier», e Germaine Lablon, numa scena do film «Le truc du Bresilien», de Alberto Cavalcanti.

Collete Darfeuil, outra interprete do mesmo film do director brasileiro.

A VOZ DO MEU CORAÇÃO

UMA OPERETA DA "UNIVERSAL" COM JEAN KIEPURA E MAGDA SCHNEIDER

FERRARO, o famoso tenor que o mundo inteiro admirava, embora moço, solteiro e rico, vivia a clamar numa incontida ansia de liberdade. E' que elle tinha uma gerente que era um verdadeiro demonio de saias. A mulherzinha não lhe dava um minuto de folga: vigiava-o continuamente, temendo que elle perdesse a voz e, seduzida pela idéa de ganhar sempre mais dinheiro, não o deixava descançar. Bem que Ferraro sonhava com uns dias de inteiro descanço, longe da cidade e dos admiradores, mas a sua empresaria apparecia sempre com um tracto novo, aborrecendo-o e estragando-lhe os planos.

Isso aconteceu uma vez mais justamente no momento em que Ferraro preparava as malas para ir descançar na Suissa. Mas, dessa vez, o tenor não se conformou. Aproveitando uma distracção do gerente, numa estação da estrada de ferro em que havia cruzamento de trens, conseguiu escapar e fugir para destino ignorado, deixando a mulherzinha occupada com as desculpas que daria para rescindir o contracto.

No trem, em viagem, Ferraro trava conhecimento com um tal Koretsky, um homem insinuante e terrivelmente aborrecido, que a elle se gruda e não o deixa mais. No hotel, o gerente vê o nome de Ferraro no livro e immediatamente espalha a noticia de que está na cidadezinha o maior tenor do mundo. A imprensa se movimenta e photographa o famoso tenor justamente no momento em que elle sae do hotel para um passeio, em companhia de Koretsky. Acontece, porém, o imprevisto: os jornalistas confundem o tenor com o amigo que o acompanha e, no dia seguinte, é Koretsky quem é apresentado em destaque como sendo Ferraro. O equivoco continúa quando, horas depois, o burgomestre vae homenagear o famoso tenor e dirige-se exclusivamente a Koretsky. Ferraro pensa aproveitar-se do engano que fôra preparado pelo acaso. Deixa o amigo ás voltas com os admiradores e, aproveitando uma distracção, sae para dar um passeio.

Nas montanhas, para onde fôra no seu automovel, faz relações com uma linda menina que estava justamente com o carro enguiçado. O tenor ajuda-a, ...

(Conclúe na pag. [illegible])

UM «METTEUR-EN-SCENE» BRASILEIRO NOS THEATROS DE PARIS

(Conclusão)

Fiquei estupefacto. O nome não me era estranho, mas estava longe de suppôr fosse elle brasileiro. Era naturalmente um dos que haviam fugido ao nosso meio á procura do ambiente propicio ás suas realizações. E resolvi ir vel-o.

* * *

EMQUANTO Colette Darfeuil sentada a um canto do scenario, ao lado de Maurricet, esperava que findasse a «mise-en-scene» de um dos interiores do «Truc du Bresilien», Cavalcanti leva-me para o seu camarote, nos studios de Jacques Haik.

— Que surpreza! — diz-me elle. Estava longe de suppôr que um jornalista patricio viésse me ver! Os jornaes brasileiros geralmente não se occupam dos seus patricios que procuram vencer no estrangeiro.

Havia nas suas palavras um que de amargo e de censura.

Estatura mediana, physionomia romantica e calma, Cavalcanti dá-nos a impressão de um timido sonhador. Como teria elle conquistado a scena parisiense? Deante da nossa pergunta curiosa, o artista sorri.

— Ha um pouco de exaggero e de reclame em tudo isso, responde-nos elle. — Não conquistei nada. Estudo e excessivo o amor á minha profissão deram-me um logar de trabalhador e não de conquistador. O publico recebe sempre com agrado as minhas producções, porque nellas vê o esforço e o empenho que tenho em fazer cousas bôas.

— E como iniciou a sua carreira em Paris?

— Como decorador, depois como scenographo de film e de theatro. Um dia, em conversa com o director do theatro «L'Avenue», expuz-lhe uma idéa de «mise-en-scene» e fui contractado como «metteur-en-scene». Aproveitei a peça «Juliette» com Falconetti como «estrella», e foi um successo. Varias emprezas solicitaram os meus serviços, mas a Paramount offereceu-me um bom contracto e assim abandonei o theatro pelo cinema. Antes já havia realizado, em 1926, o film «Le train sans yeux» para uma sociedade allemã e dois films «d'avant-garde» — «Rien que les heures» e «En rade», que até hoje são falados e que me deram o pouco nome que tenho. Na Paramount realizei «Capitaine Fracasse», «Yvette», de Maupassant; «Toute sa vie» e «Canção do berço». Findo o meu contracto, passei para a «Lutetia», que melhores condições me offerecia, e agora para a «Tenax», para a qual realizo o primeiro film — «Le truc du Bresilien», que o Vital Castro já adquiriu para o Brasil.

— E nunca pensou em exercer a sua profissão no Brasil?

Cavalcanti olhou-me espantado, retrucando:

— Como e para que? Fiz os meus estudos na Escola Militar do Rio e vim completal-os na Suissa, sahindo architecto pela Escola de Bellas Artes de Genebra. Voltei ao Brasil cheio de illusões e de vontade para trabalhar. Por mais que fizesse, nada consegui alem de um emprego de 400 mil reis como desenhista de moveis. As varias tentativas que fiz foram sem exito, dentro da nossa scenographia. Voltei para Paris e a sorte ajudou-me.

— E não conta regressar?

— Para que, si as iniciativas particulares são pequenas e a nossa arte não comporta mais elementos novos dos que os que lá estão? No dia em que o governo se lembrar de que necessitamos de arte, então o campo será mais vasto e terei possibilidades de trabalho. Emquanto isso, vou ficando por aqui.

— Definitivamente no cinema?

— Talvez não. Uma grande empreza offerece-me a proxima temporada de um bom theatro parisiense, mas ao mesmo tempo uma firma americana quér que eu vá a Hollywood. Mas ainda não decidi nada.

Maurricet, o famoso «chansonier» de Montmartre, interrompe a nossa palestra. Cavalcanti apresenta-nos. E' o interprete do «Truc du Bresilien». O engenheiro do «som» vem, a seguir, com Colette Darfeuil, a vampiro. E' hora de recomeçar os trabalhos. Despedimo-nos com a promessa de assistirmos á «general» do film.

E, já na rua, a caminho de Paris, vinha pensando que, si tivessemos um bom theatro ou uma fabrica de films, certamente que teriamos um bello «metteur-en-scene» em Cavalcanti. Um sujeito mal encarado pizou-me nos pés. E foi assim que voltei á realidade, castigado por haver começado a sonhar o impossivel.

Paris, maio, 1933.

RRICIO DE ABUKU

SENHORITAS DE UNIFORME

(Conclusão)

quarto. As demais educandas e instructoras prohibidas de falar com ella, e principalmente mlle. de Bernburg. Mas esta não se conteve e chamou a educanda para o seu quarto, e foi quando esta sahia dalli que a directora o viu e então sua cólera se expandiu, a tal ponto que a menina, aturdida, pensa na morte como único meio de sahir daquelle inferno. Ella subiu para o ultimo andar do edificio, para o topo da galeria de cinco andares acima do solo... Mlle. de Bernburg, que discutia com a directora, como que tem presentimento do que vae acontecer. Sahe gritando pela pequena. O collegio se alvoroça. Procuram-n'a por toda a parte, mas em vão, e só no ultimo momento percebem o seu corpo suspenso, lá em cima.... Correm. Resfolegam pela escada acima.... Mas chegam a tempo de segurál-a. Estava salva.

E, ante a cólera geral, ante aquella massa revolta de meninas e moças, a directora comprehende que andava mal, que mal andavam as demais professoras e que só mlle. de Bernburg tinha razão: Não é com severidade, não é com castigos que se educam meninas...

A VOZ DO MEU CORAÇÃO — (Conclusão)

seu amigo, mas passa pela decepção de vêl-a desapparecer pouco depois, inexplicavelmente.

A menina é a filha do burgomestre e Ferraro vae encontrál-a á noite no baile que o prefeito da cidade offerece a Koretsky ou seja, áquelle que elle julga ser o verdadeiro tenor. Ferraro, transformado em secretario do falso cantor, tambem está presente á festa. O burgomestre, no correr da noite, propõe a Koretsky que cante. O homem, atrapalhado, esquiva-se, allegando que apenas canta em palcos, em virtude de um contracto que tem. Mathilde, a pequena que Ferraro encontrára, não acredita que este seja secretario daquelle a quem todos homenageavam como sendo o tenor e, para complicar a situação, pede ao seu novo amigo, quando estão dançando, que consiga do tenor o obsequio de cantar só para ella ouvir. Ferraro promette que elle fará uma serenata, naquella noite.

Effectivamente, a serenata se realiza. Mas Mathilde, ao invés de ficar no quarto, ouvindo, desce até o jardim e póde ver que Koretsky, posto deante da janella, gesticulava sem emittir um som, emquanto que Ferraro, escondido na sombra, nella, gesticulava sem emittir um som, emquanto que Ferraro, escondido na sombra, era realmente quem cantava. A garota fica aborrecida com o logro que lhe queriam fazer e jura vingar-se.

Horas depois, voltando ao hotel, Ferraro, que trocára a identidade com Koretsky, é preso como si fosse realmente este. E' que o homenzinho andava sendo procurado pela policia de toda a Europa como um perigoso ladrão. Na delegacia, sem ter quem o defendesse, Ferraro, tem uma idéa genial para provar a sua verdadeira identidade: canta duas canções que o tornaram famoso, que só elle cantava, e as autoridades policiaes, convencidas, deixam-no em liberdade, indo em busca do verdadeiro ladrão.

Nesse meio tempo acontece o terrivel: a secretaria-gerente de Ferraro apparece para vir buscál-o. O tenor é obrigado a fugir novamente, mas dessa vez leva em sua companhia Mathilde, com quem vae passar a lua de mel.

O CRIME DO SÉCULO

(Conclusão)

juntou no caminho. Entrementes, McKee dirige-se a um pensionato feminino para dar noticia a Doris do que se acaba de passar, e vem a saber por ella das relações entre Freda e Gilberto. Mais não é necessario para que o reporter vá incontinenti á casa de Gilberto e, com muita habilidade, lhe arranque a confissão de que elle sabia existir o dinheiro e de que Freda e elle haviam planejado apoderar-se da maquia em poder de Philip, para depois fugirem juntos.

Riley pede a todos que reconstituam o assassinato como elle se passou. De repente, porém, Freda se recorda de que o supposto assassino lhe arranhou o pulso quando ella procurava fugir-lhe na sala mergulhada na escuridão e está a ponto de fazer surprehendentes revelações, quando de novo as luzes se extinguem. Restabelecida a luz, Freda jaz morta, com uma tesoura atravessada no coração. O dr. Brandt é preso sob os protestos de Doris, bem certa de que seu pae está innocente.

Mais tarde, de volta á casa, Doris e McKee descobrem o esconderijo do dinheiro e surprehendem Gilberto quando este penetra na casa do crime para tirar os cem mil dollars. Outro mysterioso individuo os enfrenta, porém, e consegue fugir com o dinheiro. Os agentes regressam, apoz capturarem o ladrão mysterioso, e, afinal, descobre-se toda a meada e averigua-se quem foi o assassino — aquelle justamente de quem menos se poderia suspeitar.

Notas de ARTE

QUARTETTO GUARNERI. — Formado pelos violinistas Daniel Karpilowski (1º) e Mauritz Stroeffel (2º), violista Boris Kroyt e violoncellista Walter Lutz, o Quartetto Guarneri considerado um dos mais perfeitos conjunctos de musica de camera da actualidade, deu no Theatro Municipal, na noite de 20 e nas tardes de 22 e 24 de junho, tres concertos, executando, além de meia duzia de extras, estes programmas: I) Haydn — *Quartetto em ré maior, n. 5, op. 64*; Debussy — *Quartetto em sol bemol, op. 10*; Beethoven — *Quartetto em mi menor, n. 2, op. 59*; — II) Mozart — *Quartetto em sol maior*; Beethoven — *Serenata, trio em ré maior, op. 8*; Borodin — *Quartetto em ré maior*; — III) Beethoven — *Quartetto em si bemol maior, op. 18, n. 6*; R. Gliere — *Thema com variações*; Ippolitof Ivanoff — *Intermezzo*; Taneieff — *Scherzo*; Tschaikowsky — *Quartetto em fá maior, op. 22*.

Todas as qualidades que recommendam semelhantes conjunctos, as possuem o Quartetto Guarneri: afinação perfeita; synchronização dos instrumentos, dando muitas vezes a impressão de um só; sensibilidade communicativa de cada um e de todos, especialmente do violoncello e do 1º violino. Certo nem sempre se revelam integralmente essas qualidades. Execuções houve em que nos pareceu haver carencia dessa plenitude artistica. Tal a do *Nocturno* de Borodine, que não nos deu a mesma emoção de extase sublime como a que experimentámos ouvindo-o pelo Quartetto de Londres. Mas, além de ser esse talvez uma impressão puramente pessoal, devida mais á nossa sensibilidade que á dos interpretes, a verdade é que patentearam bellezas de intensidade pouco vulgar na maior parte das interpretações. Assignalemos com especial destaque o Quartetto de Debussy e nelle o *Andantino*; o *Andante cantabile* do Quartetto de Mozart; o 2º *Adagio* da Serenata de Beethoven; o *Scherzo* e *La Romanza* do Quartetto em si bemol maior de Beethoven; o *Thema com variações* de R. Gliere. Foram inexcediveis esses trechos de belleza technica e esthetica. Encantaram e arrebataram. Pena que o famoso conjuncto não tenha tido auditorio bastante numeroso para applaudil-o como merece ser applaudido. Ainda assim, lá estavam firmes os fieis de sempre, batendo palmas, pedindo *bis* e gritando bravos.

QUARTETTO BRASILEIRO — Acontecimento sensacional em nosso meio artistico, foi a estréa do Quartetto Brasileiro no I. N. M., em a noite de 25 de junho, e em 2o concerto extraordinario da As. B. M.

Constituido pelas violinistas Mariuccia Iacovino (1ª) e Maria Carlota Goulart de Oliveira (2ª), pelo violista sr. Affonso Henrique Garcia, e pela violoncellista srta. Nydia Soledade, todos jovens e talentosos cultores dos instrumentos que tocam, dois dos quaes estamos costumados a applaudir como figuras invulgares de interpretes do violino e do violoncello, Mariuccia Iacovino e Nydia Soledade — o Quartetto Brasileiro a todos agradou, encantou, enthusiasmou pelas interpretações quasi sempre magistraes que deram a este bello programma dois numeros do qual foram ruidosamente bisados: Beethoven — *Quartetto op. 18, n. 1*; Tschaikowsky — *Andante cantabile*; Percy Grainger — *Molly on the Shore*; Sinigaglia — *Konzert-Etude*; Mendelssohn — *Quartetto op. 12*.

Mariuccia Iacovino e Nydia Soledade não nos surprehenderam pela sonoridade communicativa, pelos requintes de sensibilidade que transmittiram ao tocar com vivo esplendor o violino e o violoncello, pois somos dos que sempre lhes admiramos o invulgar talento. Mas ouvir a viola e o 2º violino, Affonso Garcia e Maria Carlota, que não nos lembramos ter ouvido antes, foi para nós agradabilissima surpresa. Ambos concorreram salientemente para o grande exito do conjuncto. Apesar de simples iniciados, todos os jovens virtuoses tocaram com tal perfeição, que muitas vezes fizeram lembrar artistas consumados. Embora sem autoridade technica, mas com a sinceridade de sempre, e de accordo com a nossa sensibilidade, não duvidariamos classificar como primores de interpretação o *Andante cantabile*, o *Konzert-Etude*, e a *Canzonetta* do Quartetto de Mendelssohn. A deste ultimo supportou sem perder, no confronto, o parallelo com a execução semelhante do Quartetto Guarneri, realizada em extra no T. M., dias antes.

Felizmente o salão Leopoldo Miguez estava cheio e soube applaudir e bisar com sincero e caloroso enthusiasmo os artistas brasileiros.

Oxalá não recuem na obra emprehendida. E breve o Quartetto Brasileiro poderá figurar como dos mais notaveis conjunctos de musica de camera da actualidade.

A As. B. M. está de parabens pelo bellissimo concerto que proporcionou a socios e convidados, a leigos e profissionaes, a criticos e chronistas.

ADELINA KORYTKO. — Mais uma vez a sra. Adelina Korytko se nos revelou cantora notavel, de accordo com a fama européa de que veiu precedida, executando no T. M., em a noite de 29 de junho, magistralmente acompanhada pelo prof. Souza Lima (José), todo este programma, além de alguns *bis* e extras: I) Mozart — *1ª Aria da Condessa e 1ª Aria de Cherubini, da "As Bôdas de Figaro"*; Tschaikowsky — *Duas canções (Berceuse e ...)*; Rachmaninoff — *Duas canções (O Sabugueiro (?) e No silencio da noite)*; Szymanowski — *Dansa oriental*; Balakirew — *Canção caucasiana*; Rimsky-Korsakoff — *Hymno ao Sol*; — II) Schubert — *Quatro canções (Heidenröslein, Die Post, Du bist die Ruhe, Wohin?)*; Strauss — *Duas canções (Meinem Kinde, Cacilie)*; Weber — *Oceanaria*; — III) Chopin — *Tres canções*; Moniuszko — *A' roda de fiar*; Tagliaferri — *Menestrello d'Aprile*; Bucci-Peccia — *Baciami*; Tirindelli — *La primavera*.

Ouvindo-a pela segunda vez, mais se accentuaram as nossas primeiras impressões, reconhecendo na cantora poloneza bella voz e bella arte. Mas, nesta segunda vez, a nossa observação nos levou a apreciar mais a arte do que a voz e mais a cantora de musica de camera do que a cantora de opera. Se a palmeamos nas arias da "As Bodas de Figaro", o nosso applauso redobrou de intensidade em os numeros de musica de camera, através de todo o cancioneiro dos mestres russos, polonezes e allemães. E' de admirar-se-lhe a belleza da voz em todos os registros, sobretudo a meia voz, que tem requintes de seducção musical, e a vida diversa e intensa com que accentua em varias linguas, com dicção perfeita, o sentido de cada canção. Hesitamos em citar quaes as que mais nos agradaram, mas não resistimos ao desejo de assignalar as que mais nos impressionaram, e foram: a *Berceuse*, de Tschaikows-

(Conclue na pag. seguinte)

Uma scena de comedia em que apparecem os dois festejados artistas portuguezes Maria Mattos e Joaquim Almada, que fazem, neste momento, grande successo no theatro Carlos Gomes, da Empreza Paschoal Segreto.

ky, *O Sabogueiro* e *No silencio da noite*, de Rachmaninoff; a *Canção caucasiana*, de Balakirew, que foi bisada, *Wohin?*, de Schuber, tambem bisada; *Oceanaria*, de Weber; e — primor entre os primores — o poemeto de Schubert — *Du bist die Ruhe*, cuja força communicativa foi das mais empolgantes.

Ainda uma vez, se o auditorio correspondeu em qualidade ao valor da artista, esteve muito abaixo do que devia ser quanto ao numero de ouvintes. Adelina Korytko pela sua voz, e ainda mais pela sua arte, deve ser ouvida e applaudida como uma das grandes musas do canto da actualidade, e já consagrada pelas principaes platéas da Europa.

RUTH VALLADARES CORRÊA — A tarde de 19 de junho no Theatro Municipal assignalou bello triumpho de mais uma cantora brasileira: a prof. Ruth Valladares Corrêa. Apresentou-se-nos cantando, alem de algumas extra, como a *Flor e a Fonte*, de Felix Otero e *Mai fuili*, de Coquara (?), as peças: *Accourez, hatez-vous*, de Campra; *Un certo non so chè*, de Vivaldi; *Ah! perfido*, grande concerto de Beethoven; *Après un rêve*, de Fauré; *Chanson d'amour*, de Chausson; *Ouvre-moi tes bras*, de Guy d'Asbervai; *Les trois prières*, de Paladilhe; *Exilio*, de Aloysio de Castro; *Canção da saudade*, de Barroso Netto; *Aquelle amor* de Celeste Jaguaribe; *Meu coração*, de Lorenzo Fernandez; *Deh! non volerli vittime*, trecho da ultima scena da op. "Norma", de Bellini.

A voz da sra. Ruth Valladares agrada immediatamente pelas naturaes qualidades e pela arte com que é cultivada. Bellos graves e médios, só se lhe poderá fazer alguns reparos quanto ao timbre dos agudos. Canta com muita expressão physionomica.

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

E' talvez por isso mesmo se lhe note algum excesso na mascara da dor e da afflicção. Tanto quanto pudemos julgar por uma unica audição — e pelo só criterio impressionista, sem nenhuma pretensão de analyse technica — parece-nos que, afóra os dois pequeninos senões, só merece francos e abundantes applausos a distincta cantora.

Embora tudo agradasse e fosse applaudido, é de destacar-se não só os numeros bisados, que foram *Exilio* e *Aquelle amor*, mas ainda *Après un rêve*, *Les trois prières*, *Meu coração*, e, acima de tudo, o clou do recital — *Ah perfido* o grande concerto de Beethoven, em que a cantora se exhibiu como poucas, cantando, com perfeição, uma peça difficil, extensa, e de grande belleza.

Mario de Azevedo foi collaborador efficiente da artista, acompanhando-a ao piano em todos os numeros.

ORCHESTRA PHILARMONICA — 3º concerto de assignatura, proporcionou-nos a Orchestra Philarmonica em a noite de 26 de junho, no T. M., bellos momentos de arte, executando sob a regencia moça e enthusiasta de Burle Marx e com o concurso do notavel pianista brasileiro que é João de Souza Lima, este programma: I) Bach — *Suite em ré maior* (Grave-Air — Gavotte 1 — Gavotte 2 — Bourree-Gigue); Beethoven — *Concerto em mi bemol*, op. 73 (piano e orchestra); II) Respighi — *Fontana di Roma*; Wagner — *Murmurios da Floresta* e *Abertura* da op. "Tannhauser".

Se nos abeberamos deliciosamente no classicismo lyrico de Bach através de cada numero da *Suite*, especialmente da *Aria* e das *Gavottas*, nas bellezas de *Fontana di Roma*, *Murmurio da Floresta*, sentimo-nos verdadeiramente enlevados e arrebatados ouvindo o *Concerto em mi bemol* e a *Abertura* de "Tannhauser". Regendo aquelle e esta, Burle Marx transmittiu-nos especial emoção pela vida que imprimiu á regencia do *Adagio* do *Concerto* e a de todos os tempos da *Abertura*. Solista do *Concerto*, Souza Lima brilhou com raro brilho. O seu piano foi uma orchestra em miniatura. Encantou e arrebatou.

Dos melhores e mais applaudidos o 3º concerto da Philarmonica. O publico correspondeu á perfeição dos interpretes, saudando-os com repetidos chamados, palmas e bravos.

OSCAR D'ALVA

SOLTEIRONAS

ENVELHECIAM sozinhas, aquecidas pelo sol, junto do mar.

A pequenina herança que as puzéra, emfim, ao abrigo da necessidade, chegava muito tarde! A prima Luzia, proprietaria daquella amavel vivenda, muito singela, no meio de um terreno arenoso na enseada da bahiazinha toda banhada de luz doirada, perdêra a unica filha e no testamento deixára-lhes a casa, não porque as amasse de um modo especial, mas porque usavam o mesmo nome de familia. O nome, sem lustre nem vergonha, dos Lavradio de Traz os Montes. Quando

o tabellião da senhora Luzia do Lavradio veiu participar ás duas velhotas o feliz acontecimento que resultava para ellas, da morte da prima Luzia, ambas exerciam ainda o ingrato officio do professorado.

A mais velha, Gertrudes, ensinava numa escola livre de Campinas e a segunda, Maricas, estava como institutriz numa abastada familia de fazendeiros no nordeste onde se faziam grandes criações de gado.

Desde a idade de 21 annos que as duas irmãs viviam separadas. O pae suicidára-se inesperadamente, após uma escandalosa fallencia que deixava a familia na mais completa miséria. A solida instrucção das duas moças permittiu-lhes ganhar o pão de todo o dia em troca do aniquilamento da sua independencia. Foi mistér renunciar ás suas personalidades para ganharem o direito de não morrer de fome. Agora, depois de quarenta annos de uma dolorosa separação, achavam-se, emfim, reunidas, e, sinão ricas pelo menos sem a preoccupação de trabalhar para a sua subsistencia. Poderiam, afinal, gozar um pouco de socego e de paz espiritual na pequena casa, pintada côr de marmelo maduro, com a fachada olhando para a estrada larga e o oitão do lado prolongando-se pelo jardim perfumado. Tambem havia uma horta e um pomar cheio de legumes e de fructas que faziam o encanto das duas velhotas.

Mais para o fundo da chácara, entre muros eriçados de pontas de ferro e tacos de garrafas quebradas, como a defenderem a entrada de uma fortaleza, elevavam-se as mangueiras e os abieiros, que, além dos fructos saborosos de sua seiva, tambem forneciam sombra e frescura nos dias de verão.

As duas irmãs passavam as manhãs inteiras occupando-se da lavoura. Cavavam a terra, cortavam graios e galhos sêccos fazendo enxertos e mergulhos numa grande azáfama de amôr por aquelle pedaço de terra que lhes pertencia.

Quando cahia a noite, sentavam-se na sala para conversar. Tinham um mundo de coisas a contar! Durante todos aquelles annos de separação nunca cessaram de se amar intensamente!

Raras vezes, puderam se falar numa ou outra entrevista rapida á mercê do capricho das férias de seus discipulos, mas escreviam-se sempre com rigorosa pontualidade.

A ternura reciproca nunca esmorecêra, apesar do tempo e da distancia.

Nunca foram bonitas, mas aos vinte annos tiveram a frescura e o viço exuberante que o vulgo costuma chamar a *belleza do diabo*. Mas tudo isto já ia tão longe! Nem ficava vestigio...

Envelheceram antes do tempo, tomando logo aquelle ar de usura apagado e humilde que adquirem as creaturas que vivem num estado de continua dependencia. Magras e enrugadas, com a pelle escura, queimada pelo sol e a brisa marinha, ellas mostravam as caras duras, ossudas, o nariz e o queixo pontudos como os têm as bruxas dos contos de fadas. Uma dellas tinha bigodes compridos, emquanto que a outra perdêra as sobrancelhas, e suas palpebras delgadas, com as beiradas vermelhas, tomaram certo aspecto singular, que chegava quasi a parecer indecente.

Tinham um mundo de anecdotas e de incidentes a se contarem sobre as pessôas que haviam conhecido, as familias com quem conviveram e as crianças que ajuda-

ram a criar e a educar no correr de sua longa vida.

Sabiam descrever com arte suprema o lado comico das pessôas e o espirito de suas palestras tornava-se naturalmente cáustico e mordaz. Divertiam-se loucamente a fazer as caricaturas do proximo.

Uma tarde de primavera, essencialmente luminosa, foram passear até a beira mar.

As ondas mansas pareciam balançar grandes

chapas de ouro, e não se podia fixar o olhar no horizonte, que escaldava. Mesmo ao longe, era uma impressão de cegueira insupportavel!

Um *yacht*, todo pintado de branco, abria suas velas purissimas como si fossem azas.

Muito além, a ponta do litoral erguia a massa escura e quadrada do despenhadeiro, como si fôra um bloco de ferrugem.

O vento trazia um perfume vago de violetas e mimosas.

O espectaculo suave déra-lhes certas idéas languidas cheias de doçura, que já não eram de sua idade, e suspiraram pensando na mocidade que se esvahira, tão inutil!, na vida que passou sem amores e no desalento dos longos annos decorridos entre estranhos na mais triste solidão do espirito.

Entraram em casa e sentaram-se na pequena sala, entre os moveis da prima. A criada preparára o chá e Maricas, que não alienava o privilegio de ser a mais moça, levantou-se para servil-o.

As torradas exhalavam um bom cheiro appetitoso de manteiga e de forno quente. Todo aquelle luxo a que ainda não estavam habituadas as atordoava um pouco. Olhavam-se, sorrindo enternecidas. Fóra, o cre-

(Cont. na pag. seguinte)

púsculo prolongava suas luzes côr de laranja, com ondulações verde e rosa, sobre o horizonte opaco.

De repente, Maricas, que se concentrára um momento, disse, com a voz mudada:

— Sabes, Gertrudes? Eu não te contei ainda toda minha vida. Guardo um segredo de mocidade, tão precioso, que nunca ousei communicál-o a ninguem! Nada teve para mim igual doçura, nem nada me fez soffrer tanto!

— Que seria, meu Deus? perguntou, soffrega, a irmã mais velha.

Lembras-te de Antonio de Moraes?

— Antonio de Moraes? Creio que sim. Guardo delle uma recordação vaga.

A bruma da tarde invadira a sala e Maricas não poude ver a subita alteração dos traços da irmã ao pronunciar aquelle nome, nem o gesto de encolhimento que a fez mergulhar mais profundamente na poltrona de couro como para esconder a sua perturbação.

— Não te lembras? Era um bonito rapaz moreno, de bigodes negros e olhos languidos. Elle teve por mim uma paixão louca!

— Paixão por ti? — repetiu Gertrudes, num eco sepulchral — Tens certeza?... Quem t'o disse?

— Elle mesmo, muitas vezes, m'o repetiu.... Tinhamos *rendez-vous* todas as noites, no fundo do jardim, duas vezes por semana! Que loucura! Mas queria por força casar commigo!

— E por que não o fez? — retrucou Gertrudes, com sarcasmo.

— Bem o sabes... Quando houve a desgraça com papae, Antonio escreveu-me uma carta desolada. Não tinha fortuna, nem situação, e precisava expatriar-se para ganhar a vida. Quando voltasse, rico e independente, viria logo me buscar e, então, casariamos.... Ai de mim!... Nunca mais soube nada. Certamente, morreu.... ou não conseguiu realizar os seus desejos.... meu pobre Antonio!

— Elle beijava-te? — perguntou Gertrudes.

SOLTEIRONAS — (conclusão)

— Sim todas as vezes que estavamos a sós.

— Na bôcca? — insistiu a outra.

Maricas enrubeceu pela derradeira vez na vida e fez *sim* com a cabeça, sem responder.

— Pois bem, disse Gertrudes, raivosa: — Antonio mentiu! Representou comtigo uma odiosa comedia.... Nunca elle te amou, estás me ouvindo? Nunca, nunca elle teve por ti o menor sentimento de affeição!

— Por que? — perguntou Maricas, num sôpro de angústia.

— Por quê? — Porque era a mim que elle amava.... somente a mim! Eu tambem ia ter *rendez-vous* com elle duas e trez vezes por semana... e nos beijavamos, entendes?... Beijava-nos doidamente!...

— Na bôcca?

— Sim, na bôcca! — affirmou Gertrudes, triumphante.

— Pois si elle te amou mais do que a mim, por que não casaram? — indagou Maricas, com o tom humilde dos vencidos.

Quando papae morreu, elle escreveu-me aquella mesma carta, allegando os mesmos motivos que te expuzéra.... e fazendo as mesmas promessas!...

— Não vale! Não vale! Nada me poderá convencer de que não fui eu a preferida!

Já a noite havia completamente cahido. A sala envolvia-se em trevas e a disputa continuava áspera entre as duas irmãs exasperadas. Choravam, insultavam-se e, finalmente, foram dormir sem trocar o beijo do perdão.

Na manhã seguinte, recomeçou mais áspera a contenda. Nenhuma queria ceder.

Os quarenta annos decorridos desde o tempo do seu romance de amôr não lograram apagar as longinquas emoções nem o amôr proprio de ambas.

Nem Gertrudes nem Maricas queriam comprehender que Antonio as enganára uma e outra.

Seus pobres olhos cheios do mesmo encanto viam o ser amado revestido dos predicados que as havia enlevado outróra. Na sua imagem elle permanecia intangivel, sagrado, e alheio a uma duplicidade horrenda que não podiam aceitar!

A vida tornou-se-lhes um inferno!

Odiavam-se! — Sem tregua falavam de suas queixas, reivindicando, alternativamente, o direito de serem o *unico amôr* de *Antonio*.

A rivalidade grotesca já se tornava tragica.

Alguns mezes daquelle ciume posthumo conseguiram anniquilar a tôma de amizade que o convivio feliz dos ultimos annos intensificára, fazendo-as esquecidas do amargor de sua dura existencia. O fracasso foi total. Não puderam mais viver juntas. Venderam a casa.... os moveis... o jardim...

Nunca mais se tornaram a vêr...

ITALA GOMES VAZ
DE CARVALHO

O namorado, nervoso — Parece-me que o teu irmãosinho viu quando te beijei... Que devo dar-lhe para que se cale?...

Ella. — O prego delle, habitual são quinhentos reis.

Escriptores e livros

Henry Ford — O JUDEU INTERNACIONAL — Liv. Globo — P. Alegre — 8$

A autoridade e a responsabilidade de Henry Ford emprestam a esta obra grande valor. O autor discute e penetra sem temores no problema que o judaismo apresenta ao mundo com o seu programma de dominio internacional, despertando, por isso, o mais vivo interesse.
Um excellente livro.

Ribeiro Couto — NOROESTE E OUTROS POEMAS DO BRASIL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

Ribeiro Couto é um talento singular. Tanto na prosa como na poesia vae conquistando louros, e por certo acabará sendo conquistado pela Academia, como expressão legitima, fidalga, das letras de Piratininga.

O livro que acaba de publicar, de cunho modernista, para nós não tem o sabor dos seus livros de versos anteriores, como, por exemplo, *O jardim das confidencias*. Entretanto, não lhe podemos regatear applausos pela technica adoptada na confecção do poema *Noroeste*, que é um hymno ao formidavel surto do progresso de S. Paulo e ao seu povo de musculos de aço.

Nenhum homem feito, ó Noroeste,
Poderá dizer-te: minha terra natal.

Mas o livro contém outros poemas do Brasil: Recife, Bahia, Rio de Janeiro, passagens animadas pelo brilho da intelligencia de Ribeiro Couto, poemas de um colorido vivo, encantador.

Bahia, bem que te escuto a bôa cantiga,
Aquella carinhosa, meiga cantiga
Com que embalaste a nação no berço.

Esta noite, ao ficar sob o teu céu, Bahia,
Quero sentir no peito a tua mão de affago
E adormecer ao som da tua voz materna.

E, fechando o livro, o poeta evoca Santos, a sua cidade natal, buscando no passado as meninas do seu tempo: Chiquita, Bilu, Das Dores, Senhorinha...

O' minha infancia, adeus, morreu toda a innocencia!
Sombras, imagens fieis que habitam commigo
Caminho devagar para a serenidade.
Sêde os meus anjos, imagens fieis!
Vinde voar assim, com cantigas de roda,
Vinde bater azas, anjos do meu tempo,
Vinde cantar em voz velada ao meu ouvido
Para que com doçura eu receba a morte.

Felizes os que assim podem cantar!

G. Gunther — LIVRE DE LECTURES — Liv. Globo — P. Alegre — 8$

Trata-se de um trabalho destinado aos dois primeiros annos do curso gymnasial, e que, pelo methodo adoptado, muito facilita o estudo da lingua franceza. Apresentação material excellente.

Carlos Madeira — CAIÇARAS — Adersen-editores — Rio — 5$

Um livro de contos, uma apresentação auspiciosa. A nossa impressão póde ser resumida, reproduzindo o que escreve Viriato Corrêa, no prefacio.
"E' o que se póde chamar o contista de raça. Tem na massa do sangue toda a complexa, subtil, e fascinadora arte do conto. E tem tudo: imaginação opulenta, senso de synthese, theatralidade, emoção, brilho vocabular, sobriedade, originalidade de assumpto e até technica, que é a tortura, o inferno até mesmo dos contistas experimentados."
Não ha exaggero na apreciação. Resta ao autor confirmar, de futuro, a excellente estréa de *Caiçaras*.

Roland Dorgelès — AS CRUZES DE MADEIRA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

Les croix de bois, do illustre escriptor da Academia Goncourt, teve uma grande repercussão em toda a Europa. A traducção que ora apparece em portuguez vae, certamente, despertar vivo interesse.

Henry Ardel — AS FERIAS DA FAMILIA BRYCE — Edts. Flores & Mano — Rio — 4$

Em 2.ª edição apparece, na *Collecção Primavera*, este interessante romance de Henry Ardel, o escriptor preferido das moças.

Assis Cintra — AS AMANTES DO IMPERADOR — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

O nosso imperador D. Pedro I teve uma vida romanesca, uma vida povoada de mulheres. Foi buscál-as nas diversas camadas sociaes, em anseios de amoralidade que ficaram celebres; por isso, a chronica, ao lado da Marqueza de Santos, registra tambem a pretinha Andreza, e tantas outras favoritas do illustre pandego. São essas figuras femininas que Assis Cintra evoca em paginas curiosas, com farta documentação. Um livro deveras interessante, que, para maior valia, recebeu a collaboração do lapis de Paulo Werneck, que reproduziu de telas famosas o perfil das não menos famosas amantes do imperador.

Mário Reys

Uma causa difficil

A sala do tribunal, atopetada, considerava com ar compadecido a curiosa disputa entre um alfaiate e o seu freguez.

— Perfeitamente sr. juiz —, gritava este ultimo: — dezenove vezes tive eu que experimentar este

terno! E coisa que ultrapassa a mais exuberante imaginação. Dezenove vezes tive eu que ir á *logica* do sr. Molinete, aqui presente, para tentar introduzir-me na roupa, que, com indizivel audacia, pretende haver executado sob medida! Dezenove vezes o sr. Molinete deu tratos á mióleira, espalhou alfinetes pelo chão e desenhou arabescos incomprehensiveis sobre o panno, para remediar os defeitos horrendos do meu terno. Mas dezenove vezes se achou em erro! — Comprehende v. ex. que eu não posso sacrificar todo o meu tempo e meus recursos em tão odiosas experiencias. Reclamo a restituição dos mil francos que entreguei a este alfaiate que não sabe cortar!

— O senhor insulta-me, positivamente! — berra o accusado. — Ouse repetir que não sei cortar! Atreva-se, si tem coragem!

— Nesse caso, direi que não sabe coser!

Esmagado pelo argumento, o alfaiate engasga-se e perde o folego.

O magistrado intervem, com espirito de conciliação.

— Parece-me, de facto, que ha exaggero, na necessidade de provar *dezenove* vezes um terno de roupa!... E' a primeira vez que se me depara semelhante occorrencia em trinta annos de exercicio da minha profissão e Deus sabe das innumeras occasiões que tive de apaziguar litigios desta ordem — Nada exacto?

— O que ha de exacto é que nenhum collega meu se teria mostrado tão paciente, e isto lhe dá a medida certa de minha condescendencia! — retruca o atrevido alfaiate.

— Onde sua incapacidade!, — interrompe o freguez.

— Condescendencia, aliás, inutil, — continúa o outro, pois que o terno veste o meu cliente como uma luva!

— Como uma luva?... Pareço um *tony* do circo, com as mangas que me chegam aos cotovellos e as calças que estalam por todas as costuras!

O auditorio não podia conter a hilaridade que cobria o alarido da contenda emquanto, o alfaiate levantava aos céos olhares de martyr.

— Affirmo que o terno está perfeito e que, se o meu cliente tivesse querido usal-o algumas vezes, as pequenas rugas que elle allega teriam desapparecido completamente.

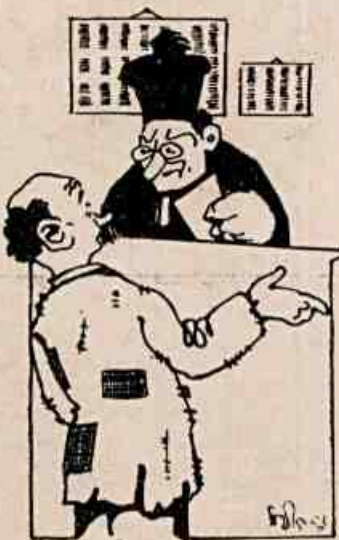
— Chama-se a isso escarnecer do seu semelhante! Uma roupa que

não cabe bem na segunda prova nunca mais ficará bôa — principio da propria corporação dos alfaiates que o senhor não póde ignorar!

O juiz, escarlate, pelo esforço de não deixar campo livre ao irresistivel desejo de partilhar da chalaça que a disputa havia creado no grave ambiente da VII" sala de audiencias do Palacio de Justiça, conclue por dizer que, sem conhecer com bases assaz profundas a perfida arte da costura, não teria competencia para lavrar a sentença e nomeou um perito da paz, com maiores luzes, de decidir uma questão de tamanha subtileza!

Lá se foram, assim, o infeliz cliente e o seu alfaiate submetter-se a uma *vigesima* prova do malfadado terno, esperando findar com ella a sua estranha odysséa de agulhas e thesouras...

Deverão, no emtanto, se consolar, os dois contendores ,seja qual fôr o resultado do julgamento por haverem, em tempos de tão numerosos enthusiasmos sportivos estabelecido um *record* originalissimo nunca explorado até agora!

ITALAR

LAMPEÃO

O celebre e celebrado Lampeão é, verdadeiramente, um typo ecleptico; um pouco de Mussolini na sua implicancia com as saias e os cabellos curtos das mulheres, um pouco de *condottiere* nas aventuras guerrilheiras e um pouco de *cow-boy* dos films americanos, a dar tiros, roubar dinheiro aqui e dar dinheiro acolá.

E' uma mistura de tudo, e mais de negro, branco e mulato.

E d'essa porção de pedaços de psychologia e materialidade, d'essa coberta de tacos ethnicos, o observador sereno nada apura de fixo na mobilidade d'esse horrivel temperamento de excepção.

Não é um bom desviado pela má educação como não é um bem educado torcido pela má indole; não é um preto definido, não é um mulato completo nem um branco acentuado.

Tem de tudo isto e não é nada d'isto. E' Lampeão e mais só isto. Sua vida é clarão e é sombra, conforme o nosso ponto de vista.

Ao olhar de uma civilização branda e amena é um monstro de maldade: entre alguns membros rubros do soviet russo é um recto disciplinador da economia geral, um equilibrador da pecunia.

Toma *pose* e se deixa photographar com a idéa da immortalidade, o que não é lá muito fóra dos moldes quando se observa o curso da historia humana e se vêm monstros de igual tomo impondo seus nomes aos seculos. E' um Nero sem o throno romano, cavalgando na selvas com os deuses devoradores da mythologia, nas suas jornadas sombrias.

Maloch do nordeste brasileiro, vae elle por alli fazendo a sua ceifa funesta, zombando do poder publico, das autoridades e suas milicias.

Criatura singular de devorador, excluido do convivio social, á margem da vida commum, estudado no curso da historia humana, que alma se nos revelará n'essa figura singular que a brandura dos nossos costumes, a piedade dos nossos corações, no momento cultural que passa, apresenta como o demonio torvo das tranquillas regiões sertanejas?

Um reprobo ou um desgraçado, um perverso ou um doente?

João Esteves

HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

ESPLANADA DO SENADO

Serviços de medicina e cirurgia geral, partos e gynecologia, olhos, ouvidos, nariz e garganta, pelle e syphilis, vias urinarias, proctologia, apparelhos e massagens, clinica de crianças, Raios X, diathermia, alta frequencia, ultra-violeta e laboratorio de analyses clinicas.

Quartos de 1.ª e 2.ª classes e enfermarias geraes para indigentes. Attende diariamente a grande numero de necessitados. Medico permanente. Ambulatorios abertos das 8 ás 12 horas. Acceita qualquer donativo que lhe auxilie a obra caridosa.

A ESMERALDA

O doutor Bassan aproveitára aquella manhã de domingo para effectuar pessoalmente um ligeiro reparo no seu apparelho de radioscopia. Feito isso, passou a seu gabinete. Seu andar era lento e sua expressão angustiada.

Dirigiu-se, de repente, a uma pequena caixa de ferro dissimulada atraz de uma cortina, abriu a portinhola de metal e apanhou um cofre de couro repuxado, pensando, com amargura: "Para que?" Por fim, sentado á sua mesa de trabalho, derramou sôbre a pasta o conteúdo do cofre: uma collecção de joias.

O olhar do medico não se deteve nas joias: deslisou rápido sobre ellas, para perder-se, extático, no vácuo. Bassan não se consolava da morte de sua esposa nem de sua traição. Muitos annos, no emtanto, haviam transcorrido depois do drama que despedaçára sua vida. Muitos annos, tambem, se haviam passado desde o dia em que Julièta abandonára sem pena este mundo e deixára mergulhado na dôr aquelle marido que soffria e a fazia soffrer com um amôr já envenenado de odio e de rancor.

Sim, muitos annos.... E jamais o doutor Bassan evocára o rosto da infiel sem fazer surgir a seu lado o de Norberto. Norberto: o mais falso dos amigos, o infame ladrão de sua felicidade!

O doutor Bassan tomou uma joia, ao acaso: simples annel de ouro florido numa esmeralda que brilhava com todos os seus fogos verdes.

Nesse momento bateram á porta. Bassan exclamou: "Entre!" E Fabricio entrou, dissimulando com um sorriso seu verdadeiro estado de espirito. Fabricio formoso joven de dezenove annos, que se parecia extraordinariamente com a mãe, era a outra grande preoccupação do doutor Bassan.

— Perdôa que te venha interromper, papae... Mas preciso de dinheiro. Contrahi algumas pequenas dividas...

— Hein?! — articulou Bassan com voz dura, franzindo a testa. — De quanto necessitas?

Fabricio, pállido, murmurou:

— De trez mil...

— Trez mil?! E a isso chamas pequenas dividas? Dize-me: agora te occupas em manter bailarinas?

O joven tentou justificar-se:

— Dás-me pouquissimo dinheiro, papae. E eu...

— Basta! — falou Bassan. — Sei perfeitamente qual é meu dever.

— Ah, papae! — queixou-se Fabricio. — Bem se vê que não gostas de teu filho!

Era um erro. Bassan adorava Fabricio. Mas a suspeita de que aquelle rapaz não era seu filho, mas de outro homem, atormentava o radiologista e, ás vezes, lhe fazia perder a serenidade. Nesses momentos, uma diabolica voz interior sussurrava ao médico: "Elle não é teu filho! E' filho de Norberto!" E Bassan, para fazer calar essa voz, se esforçava em recuperar a sua serenidade. Seu organismo, exigia, tambem, serenidade, muita serenidade.

O doutor Bassan desconfiava do seu proprio organismo, e sabia que uma emoção violenta poderia leval-o á morte. Sua sciencia havia-lhe revelado, durante uma experiencia de radiographia realizada em seu proprio corpo, a fórma anormal de seu coração e a curva

os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco, pois encontrareis á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (antiga da Assembléa) — Rio.

De Maurice Renard

estranha de sua aorta. Graças a essa constituição cardiaca, Bassan poderia viver cem annos. Mas naquella anomalia se occultava uma ameaça perpetua que, para não despertar violenta e brutal, reclamava socêgo.

Bassan dominou, pois, sua irritação duplamente indesejavel e, levantando-se bruscamente, foi até sua caixa de ferro.

— Toma! — disse, regressando á mesa. — E não voltes a pedir me um só franco até que haja transcorrido um tempo prudencial. Parece-me que...

O doutor interrompeu-se, procurando com a vista sobre a mesa e depois em baixo, a esmeralda solitaria.

— Que fizeste da pedra que estava ahi, Fabricio? Sim, a esmeralda.

— Eu? Eu, papae?

— Tu, sim. Lançaste mão della emquanto fui á caixa de ferro! Devolve'ma immediatamente!

Com o rosto transformado, Fabricio rugiu:

— Revista-me! Isto é uma indignidade, papae! Revista-me!... Não posso tolerar essa accusação!

Bassan recordava uma revolta semelhante áquella. Uma revolta fingida... A revolta de Norberto que, surprehendido, tragára um pequeno papel escripto por Julieta!... Norberto indignou-se, tambem, naquella occasião. Com as mesmas palavras: "Revista-me! Isto é uma indignidade! Não posso toleral-o!"

Mas agora era o accusado que enfrentava a suspeita de Bassan. Fabricio mostrava o interior de seus bolsos e rindo dizia:

— Suppões que traguei a esmeralda? O processo clássico! Mas nada mais simples que verifical-o. Colloca-me deante de teu apparelho de radiographias!... Sou eu quem o exige, papae!... Pelo menos ficarás convencido, assim, da injustiça de tua accusação!

Bassan esteve na imminencia de se recusar a effectuar aquella verificação. Mas, não era preferivel dissipar até a menor sombra de duvida? A vehemencia e o impulso de Fabricio não seriam um estratagema?

— Tens razão, Fabricio. Vem... E' o melhor.

Fabricio tirou o paletó e a camisa. Seu busto nú apoiou-se no fundo do apparelho radioscópico, e Bassan se resolveu a verificar si aquelle corpo, penetrado pelos raios X, continha ou não a esmeralda.

A electricidade brilhou. A chapa, illuminada, mostrou raras imagens.

— Então? — perguntou Fabricio. — Estás convencido de minha innocencia? Que? Que tens papae?

Bassan fez u mgesto para indicar ao filho que podia vestir-se. Mas estava transfigurado. Uma emoção extraordinaria, fazia do radiologista outro homem.

Fabricio insistiu:

— Que tens, papae? Estranhaste não veres nada?

Nada? Não. Bassan vira alguma coisa. Vira que o coração de Fabricio era *igual ao seu*. E essa descoberta era o que mais podia commover o médico, que murmurou:

— Meu filho! Meu filho!...

E immediatamente Bassan se pôz a rir e a chorar. No chão, junto á porta, a esmeralda cahida refulgia com todas as suas luzes. E seu brilho tinha, agora, para o médico, um novo valor e um novo encanto.

— DIABO, que quererão aquelles olhos commigo? Sim, aquelles olhitos e a dona delles... Ella parou na esquina ha pouco. Mirou-se num espelhinho de bolsa. Disfarçadamente me olhou de alto a baixo... Diabo...

Virei mais um gole de café amargoso. Passei os olhos nas mesas em redór para vêr si era para algum outro aquelles olhares insistentes. Não, não eram...

— Diabo, é commigo! Mas será possivel! Qual!... Ella sorriu?

Olhei-me tambem num espelho grande de parede que tinha deante de mim.

— Francamente, minha cára, não é lá essas cousas. Minhas roupas tambem... Não comprehendo... Ah...

Paguei o café e atravessei a rua apressado. A pequena me sorrira pela segunda vez e seguira. Não

E SI ELLA VOLTAR?..

resisti. Fui atraz. E tanto
comprehendeu, que parou
vitrine, parei tambem.

— Custei, hei, senhorita?...

— Melhor...

O diabo da pequena disse
aquelle *melhor* como si essa pa-
vra fosse a primeira que lhe
vesse chegado aos labios. Dis-
sem vontade de dizel-o. Positiva-
mente, não me enganava. A pra-
tica me ensinára que ellas co-
çam sempre assim. Depois,
parece mentira que chegam
tanto, mas chegam... Aquella pro-
mettia; não desisti. Continuei
seguil-a. Virou meia duzia de
quinas, parou em outros tantos
mostruarios. E pareceu que
veu tomar um omnibus. Tomei
mesmo. Sentei-me a seu lado.
Aspirei forte. Que cheirinho
vinha della! Creio que a diabinha
gostou, porque procurou esconder
o sorriso nas luvas. Foi o bas-
tante. Comecei com phrases cur-
tas, numa introducção macia de
quem nada quer. Talvez
tenha acompanhado as palavras
com alguns gestos... Mas isso
é da conta de ninguem. Não
pensem que vou dizer o que
passou entre nós dois naquelles
curtos instantes. Era só o que
faltava ensinar aos outros a mi-
nha estrategica amorosa!...

E, como já comprehenderam, a
cousa não ficou somente naquel-
le encontro de acaso. Alongou-se
como nas fitas de cinema. O tempo
e a distancia que nos separava
dum terceiro personagem, que,
tão, só conhecia de retrato, trouxe
a grande intimidade que nos
por muitos mezes. Um persona-
gem esquisito, com o dobro da
de da pequena, e que, talvez, fosse
homem não para me metter
bala nos miolos, mas para man-
um outro qualquer fazel-o. Dis-
eu tinha uma especie de
Aquella cabelleira e aquelle
me assustavam um pouco. Com-
do, mantive a mesma attitude.
Elle andava por tão longe
de votos e de outras cousas
importantes, talvez. E, demais,
dias que eu estava vivendo
tão sublimes, que a morte
vir da maneira que fosse. Nunca
passára tão bem assim. Os meus
trezentos e poucos mil réis
modo algum me poderiam
aquelle conforto que encontrava
"bungalow" della. Della e
muito meu até... Cheguei a
julgar feliz. Sorria tirando
ças de charutos finos. Sorria
sando os dêdos della. Sorria
ria... E, bumba! atirava-me
quelles estofados. E os labios
pequena loura tocavam os
Cheguei até a pensar que aquillo

De J. M. Brinckmann

nunca mais acabaria. Esqueci-me de tudo. Da redacção, dum raio de novella que os editores por certo nunca acceitariam. Perdi de vista os amigos. Via a cára da minha senhoria uma só vez por mez. Dei-lhe uma desculpa qualquer da minha ausencia. E ella sorriu, como para dizer que bem comprehendia. Arranjos de moço...

E continuei na mesma vidinha. A pequena loura começava a ter por mim alguma cousa que eu fingia não entender. Queria-me sempre a seu lado. Recordava constantemente aquelle encontro. Chegou mesmo a chorar na tarde que lhe falei da nossa separação. Fiz-lhe vêr que o fim daquillo tudo estava por perto. Que o homem esquisito deveria estar de volta em breve.

— Não, Roberto, não, por todos os céos!... Pediu-me que não fosse nunca. Não a abandonasse. E não a abandonaria mesmo. Os seus sorrisos, os seus dedos longos a alisarem-me os cabellos soltos davam-me um bem-estar delicioso. Ficavamos assim os dois tardes inteiras trocando caricias, esquecidos de tudo. Faziamos esse amôr que todos fazem. Amôr-bobagem, que satisfaz qualquer cousa lá por dentro. Amôr de penumbra, de beira-mar, de risadinhas gostosas, de palavrinhas sem nexo. A's vezes, começava de mansinho, ingenuo, e ia, ia cada vez mais se tornando violento. Era banal como todos os outros. Mas para nós que o viviamos tinha significação mais elevada. Principalmente para mim. Confesso que nunca suppuz que aquelle café amargoso, tomado ás pressas, fosse dar rumo tão estranho á minha vida.

Depois que vivi esses longos momentos tão deliciosos, sinto-me differente aos meus proprios objectos, deslocado no meio dos meus amigos de trabalho, tenho a impressão de que não sei mais escrever, que as idéas me fogem.

Ella, a pequena loura, embarcou hontem para o Sul. Levou-a o terceiro personagem, — aquelle typinho esquisito que vive á cata de votos. Fui a seu embarque. De longe, acenei-lhe com um lenço que ella me déra. Foi chorando, a coitadinha! Mas, sua ausencia será de pouco mais de dois mezes. Não sei si voltará de novo para meus braços...

Por isso, hoje, o primeiro dia que passo sem ella, estou sentindo tudo tão vazio. Fui até aquella casa mettida entre os tinhorões e as samambaias. Estava fechada. Tudo me perguntava por ella naquella mudez tragica das cousas. Parecia haver uma expressão de tristeza naquellas folhas espalhadas pelo chão. Faltava ali aquelle amôr-extravagancia que enchia o jardim nas risadinhas della. As janellas fechadas pareciam guardar com avareza as caricias do nosso enlevo. Aquelle silencio indecifravel fez-me chorar. Chorar como qualquer personagem num final de drama barato. Eu queria desfecho mais violento. Queria ouvir tiros. Lêr as noticias escandalosas dos jornaes. Aqui ou no outro mundo. Mas, nunca a infantilidade desse fim...

Por isso, não sei como terminar. Talvez daqui a alguns mezes eu saiba fazêl-o. Si ella voltar para mim e si eu estiver ainda com vida... Ah, esse maldito personagem de cabelleira branca e nariz insolente...

OS CRIMES DE UMA RELIGIOSA

SHERLOCK HOLMES (POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

Viu o sr. William defronte da chaminé sentado numa cadeira de encosto e sentada nos joelhos delle.

passando-lhe o braço em redor do pescoço, estava irmã de caridade!

— Com mil demonios! murmurou Sherlock Holmes. Isto é que é uma linda mulher. Já era seductora como irmã de caridade, mas assim parece uma deusa.

E tinha razão o policia: Ethel estava verdadeiramente linda.

Despira a jaqueta agaloada de pelles, e trazia uma blusa de rendas, um pouco decotada e que deixava ver-se-lhe os braços.

No niveo pescoço brilhava um collar de brilhantes e nas orelhas e mãos trazia igualmente ricas joias.

Conservava na cabeça o chapéo de largas plumas e encarava com um sorriso estonteante o homem que voltava para ella a sua cara alegre mas já com vestigios de uma passada juventude.

Ambos riam. Deviam ser muito alegres as coisas em que conversavam.

— Ou vae ou racha, disse a meia voz o policia. Preciso ouvir a conversa destas duas creaturas.

Trepou tão de mansinho quanto lhe foi possivel pelo mesmo caminho por onde descera, e eil-o dentro da chaminé do quarto superior.

Rapidamente vestiu o casaco, abriu a porta devagarinho e espreitou por cima do corremão para baixo. Não se via ninguem; com certeza o guarda-portão estava no seu posto e então podia elle arriscar-se a penetrar na habitação.

— Isto é um quarto que dá para a rua, reflectiu elle. Devo pois entrar aqui e tentar espreitar pela porta; do jardim vi que ella não estava aberta.

Sem ser presentido entrou.

— Hurrah! pensou elle. O negocio vae ás mil maravilhas. Que o diabo me leve, se eu não caçar o passaro!

Espreitou pela porta de communicação com o aposento contiguo e começou a ouvir distinctamente todas as palavras.

— Ora pois, meu amor, ouviu elle Harold Williams dizer, está decidido. Ou tu casas com o velho idiota ou então arranjas as coisas de maneira que eu seja o mais cedo possivel o seu herdeiro.

— Cala-te, cala-te, Harold, eu não quero ouvir isso. "Isso é o mesmo que dizer que fui eu quem assassinou os outros.

— Qual historias! Tu sabes muito bem que és incapaz de affirmar isso. Tu és apenas uma creaturinha muito habil e prudente. A perola das mulheres. "Que idéa foi essa tua de representares de irmã de caridade?

—Por quem és, Harold não se trata de "representações". Eu fiz o meu curso com toda a seriedade e olha que isso não foi nenhum prazer. Julgas que me agradava muito respirar o ar viciado do hospital? Mas teve de ser assim para eu não morrer de fome.

William meneou tristemente a cabeça.

—Tu foste sempre uma creatura tão virtuosa! Parece-me que foste bastante manhosa só para não deixares a perder a tua reputação e a carreira futura.

—E tive razão para isso. Pensarias tu em casar commigo se não me mostrasse tão corajosa?

—Não, não pensaria em tal. Mas como as coisas estão penso eu seriamente nisso. Caso tu não venhas a ser lady Elport.

Ethel levantou-se de um salto e bateu as palmas dizendo:

—Eu serei lady Elport em qualquer dos casos! Ou requestando o velho, ou esperando que todos lá morram e tu fiques o unico herdeiro.

—Ah! Harold é realmente uma coisa soberba que ninguem neste mundo saiba que tu és um parente tão proximo daquella familia!

—Antes queria ter divulgado isso. Porque assim teria tido muito mais credito do que agora...

—Não, tu não o podias fazer, pelo menos emquanto viviam os quatro filhos. Mas agora sim, agora já se apoderou de toda aquella gente um terror supersticioso!

"O proprio velho Elport está convencido de que elle ou seu filho devem em breve ir reunir-se aos outros.

—Nisso não se engana elle, rugiu o jogador, cujo rosto neste momento tinha uma expressão satanica.

—Por Deus! não quero ouvir essas coisas, meu menino! Tu dizes isto de uma maneira tão singular! Assassinaste tu por ventura o joven Frederico?

—Que disparate, tu bem sabes que não.

—Está bem, e déste tu o veneno a Henry? Elle morreu na sua cama e toda a gente acreditou que o matara a apoplexia.

—Tens razão filha. O principal é que tu me obtenhas do archivo do castello o papel de que eu preciso para provar as minhas pretenções.

—Eu sei que tens pressa, e tratarei disso o mais breve possivel. O que é desagradavel é que o Sherlock Holmes esteja em Elport-hall.

William levantou-se tão violentamente que Ethel escorregou dos joelhos e esteve a ponto de cahir.

—Sherlock Holmes! esse homem que até ouve crescer a herva e que em toda a parte fareja. Que tenho eu a recear delle? Não me pode fazer nada, nem mesmo estorvar-me de continuar a estar junto do velho lord, que na verdade me ama de um modo paternal.

Com estas palavras riu-se Ethel velhacamente e encarou Harold com altivez.

Elle agarrou-a pelos hombros e lançou-lhe um olhar faiscante.

—Ethel, se me fores infiel, estrangulo-te com estas mãos, disse elle offegante.

—Ah, disse a irmã, parece-me que devo casar com "Bem entendido, depois de Gerald "por qualquer desastre" ter desapparecido.

(Continúa na pag. seguinte)

— Serpente! disse comsigo Sherlock do seu ponto de observação, que se apressou a abandonar porque Harold William fizera menção de se aproximar da porta.

Apressou-se a descer a escada e sahiu da "villa" sem ser notado por ninguem.

Immediatamente tomou uma carruagem de praça e dirigiu-se para a habitação da cidade de sir Frederico.

Não perdera ainda a esperança de encontrar lá alguns indicios das affeições privadas e habitos do joven rapaz.

Tambem desejava examinar a collecção de antiguidades: quem sabe se o enigma não seria decifrado por qualquer coisa apparentemente occulta e de pouca importancia.

CAPITULO VI

KITTY, A GATINHA

A linda Ethel não notou que o automovel de lord Elport esperara por ella algumas horas; pelo menos deu mostras de se ter esquecido, quando novamente appareceu no seu habito de irmã de caridade e subiu para o vehiculo.

Tambem não notou que agora só ia o chauffeur e que o creado desapparecera.

Devia estar preoccupada com pensamentos muitos importantes e agradaveis porque um leve sorriso pairava nos seus labios, sorriso que só desappareceu quando o auto entrou no pateo do antigo castello de Elport.

Então semelhante a uma mascara novamente appareceu no seu rosto uma expressão de tristeza parecendo que os seus olhos tinham lagrimas!

Entretanto entrava Sherlock Holmes na habitação de rapaz que Frederico Elport tinha em Londres.

Sabia que o creado particular, a quem elle no castello tinha querido falar na vespera, estava na cidade, para não deixar abandonada por muito tempo a habitação que o pobre rapaz deixara para sempre.

Tom, o moço creado, era uma creança da aldeia Elport e segundo dizia lord Elport um caracter de absoluta confiança.

Por isso ficou Sherlock Holmes muito admirado quando depois de bater repetidas vezes ninguem lhe abriu a porta.

Bateu com mais força, como costumam fazer os carteiros, e ouviu dentro leves passos que se approximavam da porta.

Como não apparecesse nenhuma carta por debaixo da porta, perguntou, de dentro, uma voz feminina:

— E' o carteiro?

— Não. Abra em nome da lei, respondeu Holmes num tom aspero.

A porta abriu-se, e elle achou-se em frente de um rosto encantador que lhe era muito conhecido.

Era o mesmo que elle já conhecia pela photographia encontrada em poder do joven Frederico.

— Quem é o senhor? perguntou a moça assustada recuando e olhando para elle, muito espantada.

Sherlock Holmes pensou comsigo: onde foi que [illegible] vi aquelles olhos? mas não se poude lembrar.

Fechando a porta atraz de si, disse asperamente:

— Sou da policia e venho proceder a uma busca no domicilio de sir Frederico. Quem é a senhora?

— Eu, sou... vim visitar Tom.

— Sim! Onde está o sr. Tom?

— Sahiu para ir buscar a ceia. Não póde tardar.

— Tanto melhor. Mas a menina ainda me não di[illegible] o seu nome.

— Eu chamo-me Kitty... Kitty... Smith...

Rapido como um relampago, percebeu Holmes que ella lhe dera um nome falso.

Tranquillamente, puxou elle a rapariga que [illegible] oppoz uma certa resistencia, e levou-a para um [illegible] aposentos, accendeu a luz electrica e encarou bem [illegible] joven.

— Kitty... Gatinha, não lhe fica mal este nome, disse-lhe o policia. A menina tem realmente o aspecto de uma gata branca, manhosa. Mas commigo não [illegible] brinca impunemente e escusa de me contar historias. A menina não se chama Smith. Não negue.

"Se a menina tivesse a consciencia em paz podia dizer-me confiadamente que era a amante do defunto e que agora está aqui para levar quanto puder [illegible] que elle deixou nesta casa.

— Não, isso não é verdade! exclamou a joven, que começou a chorar. Fred deu-me bastante em vida. [illegible] não quero nada do que era delle. O que quer o [illegible]nhor de mim? Eu não fiz mal nenhum. Deixe-me sahir.

— Não seja tão apressada minha filha. A menina fica aqui até que Tom volte; parece-me que elle não ha-de ficar eternamente á procura da ceia. Tambem não preciso que a menina me dê informações, e [illegible] sei bem onde as hei de ir buscar.

Dirigiu-se a um canto do aposento onde num armario envidraçado se via uma collecção de capacetes antigos. A chave estava na fechadura e Sherlock reparou que a porta do armario estava um pouco treaberta.

— Ella mexeu aqui; por conseguinte deve haver nos capacetes algo de extraordinario, pensou [illegible] abrindo para traz a porta do armario.

Então Kitty, parecendo na realidade uma [illegible] brava, saltou sobre elle.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:
EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000
PARA O ESTRANGEIRO
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 8, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

A alegria de viver

Juventude, Belleza, Saude! Trilogia que representa o encanto supremo da vida! Ella enche o mundo com as notas harmoniosas da divina canção da Alegria.

Mas, se falha a saude, toda a harmonia se perturba, desapparece toda a delicia de viver.

Senhoritas! Defendei, como a um thesouro de incommensuravel valor, a vossa saude! com ella é a vossa belleza, é a vossa mocidade que defendeis.

Não deixeis que o soffrimento vos abata e envelheça; assim que, em certas épocas, o mal estar e a enxaqueca ameacem perturbar o rithmo de vossa saude, defendei-vos com o famoso "remedio de confiança", a providencial Cafiaspirina!

Sem offerecer o minimo inconveniente para o organismo, a Cafiaspirina, em poucos minutos, faz passar a dôr de cabeça e o mal estar, restituindo o vigor ao corpo e a serenidade ao espirito.

A "CAFIASPIRINA" é igualmente de effeito prompto e seguro nos resfriados, dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, dôres rheumaticas, nevralgias, etc.